



entrevista com

WELLINGTON ASSIS

Entrevista com Wellington de Assis Silva, músico nascido em Campina Verde-MG em 12 de abril de 1983. Entrevista realizada no Orbis Estúdio, em Vicente Pires-DF, dia 13 de dezembro de 2019. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Tati Costa, Sara de Melo e Daniel Choma.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

PROJETO
VIOLA central
PONTEIOS REGIONAIS

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



[Toca na viola caipira a música “Casamento na roça”, de Marcos Mesquita]

Wellington: Sou natural de Campina Verde, Minas Gerais, ali pertinho de Uberlândia. Fui criado na roça desde menino. Meu pai era carreiro, mexia com carro de boi. E meu avô, pai da minha mãe, Sebastião Maria, que hoje já é falecido, foi um grande músico lá na região. Tocava violino, tocava violão e minha família toda tem sobrenome de Maria. Então é Sebastião Maria, Lázaro Maria. Família muito tradicional de música, o Luiz Maria, que é tio Luiz, um dos grandes músicos lá de Minas, hoje está morando no Pará, toca violão, é canhoto. Então fui criado no meio rural. Na roça, tirando leite, capinando, desbrotando *[Risos]* Mas não vou lembrar muito disso não! *[Risos]* Mas aí, graças a Deus, vim pra Brasília em 2002. Teve um lançamento de CD de dois tios meus aqui, tio Luiz Maria no violão e tio Gerônimo Maria no acordeon, numa pé-de-bode [acordeon de oito baixos]. Foi um CD, na verdade, e teve participação do Roberto Corrêa, produção Nelson de Oliveira, que é um primo meu que mora aqui. A história nasceu aí, vim assistir o lançamento desse CD e trouxe uma violinha Tonante que eu tinha. Nós passamos o dia tocando, brincando junto e tal, eu tocava cinco músicas só. Aí o meu tio, Gerônimo Maria, gostou muito da viola porque, na época, não tinha muita gente tocando viola, tal. Eu menino, com dezenove anos, tocando uma viola. Aí pegou e falou: “Você vai levar a viola pro show, leva a viola pro show.” Falei: “Tio, mas eu só toco cinco músicas.” “- Não, mas você leva a viola, leva a viola.” “Tá bom!” Aí meu tio Luiz Maria falou assim: “Na hora que a gente subir no palco, tocar e acabar as cinco músicas eu vou desligar o cabo da sua viola e falar que a gente tem que viajar, que tem que ir embora, voltar, porque não vai falar que você toca, pro caboclo fica feio” *[Risos]* Um artista com cinco músicas! *[Risos]* Falei: “Ó tio Luiz, tá combinado então”. Aí chegou lá, o povo pediu, eu peguei a viola, liguei, começamos a tocar, foi aquela coisa linda. Foi aqui, num restaurante que chamava na época Chão nativo, do Celso, meu grande amigo, vou deixar um abraço pro Celso, todos os amigos, família. Foi maravilhoso, toquei cinco músicas e o povo gostou, toquei “Chalana”, o povo começou a dançar *[Risos]* Pensei: meu Deus, e agora? Acabou o repertório! Aí meu tio: pá. Tirou o cabo: “Não, nós temos que ir embora, o menino é novo, tem que dormir cedo!” *[Risos]* Vou deixar um beijo aqui pro tio Luiz Maria. Então foi isso o começo da minha vida.

Domingos: Legal!

Wellington: Bom demais.

Domingos: Voltando um pouquinho ainda lá no sítio, conta um pouco mais pra gente, pegava bicho de pé, brincava de quê?

Wellington: Ah, era bom demais moço, bicho de pé dava aquela coceirinha gostosa! A gente deixava ele crescer, porque você não tirava ele pequenininho, deixava ele crescer porque a gente queria, depois ver o buraquinho, é uma bolinha! A gente tirava devagarzinho, com agulha depois e tirava ele, ficava aquela bolinha e a gente ficava ostentando. A nossa ostentação uma época era ostentar a bolinha, o buraquinho do bicho de pé! *[Risos]* E aí era

bom, a gente levantava de madrugada pra tirar leite, quatro horas da manhã. Rapaz, levantava, estava chovendo, e aí você sair de uma cama quentinha, debaixo da coberta, pra entrar numa chuva não é muito bom não. Mas é a lida do povo da roça, é assim mesmo. Então a gente levantava de madrugada, tirava leite, ia capinar, ia pras roça e tal. E aí, sábado e domingo, o *hobby* do meu pai era pegar, cangar os bois e a gente ficar o dia todo carreando. Aí ia buscar lenha, ia levar um trem no vizinho e ele ficava inventando serviço pra nós. Mas meu pai já faleceu. Na verdade meu pai faleceu em [19]98. João Batista era o nome do meu pai, conhecido como João Belizar. E minha mãe, graças a Deus ainda é viva, está lá em Minas, Maria de Assis. Mora numa cidade chamada São Francisco. E a vida foi assim, foi crescendo, a gente estudava na cidade, levantava de madrugada, tirava leite, depois, quando era mais ou menos umas seis horas, a gente já tinha que estar prontinho, uma perua, uma kombi passava, pegava a gente, levava pra escola. E aí o tempo foi passando, a gente foi crescendo e tive essa infância bem caipira, bem na roça mesmo. Graças a Deus, minha formação bem interiorana mesmo. O povo fala: “Você já tem tanto tempo aqui em Brasília e tem esse sotaque bem forte.” Mas é porque a minha vida foi bem na roça mesmo, então acho que ficou bem grudado em mim mesmo! *[Risos]*

Domingos: Lá você via pessoas tocando viola caipira, já começou lá?

Wellington: É, então, a questão da viola, meu avô tocava violino e violão. E meu tio Luiz Maria violão também. Mas depois tive um tio, chamado Ataliba, que tocava violão e aí eu tive esse primeiro contato ainda bem menino, acho que uns oito anos. Eu lembro, a primeira cena que tenho na minha mente de alguém tocando e cantando foi o tio *Taliba* tocando as músicas de Tonico e Tinoco, ele gostava muito. Então, a primeira cena que eu tenho na minha vida de alguém tocando e cantando era o tio Ataliba. A gente chamava de *Taliba*. Depois eu conheci um violeiro apelidado de Alemão, lá de Campina Verde, um grande músico e ele que me passou algumas, os primeiros toques de viola, me deu essas manhas e tal. O Alemão, apelido de Alemão. Ele era músico de banda, tocava violão, guitarra e viola. Aí depois conheci uma dupla chamada Otacílio e Nelico, na região do Tijuca, lá próximo a Campina Verde, entre Campina Verde e São Francisco de Sales. Essa dupla me motivou muito porque aí já era o verdadeiro som da viola, as modas de Tião Carreiro e Pardino e já no som da viola mesmo. A região muito cultural da religião católica, então tinha uma novena que acontecia lá na região. Tinha uma imagem que eles levavam de casa em casa, todo aquele ritual que tem. Todo dia rezava, fazia uma reza na casa de um vizinho. E aí eu ficava ligado no som da viola. Acabava o terço, tinha uns pão de queijo, uma garrafa de café e tal, um leitinho com toddy. E a gente ia escutar as modas de viola, sabe? Eles pegavam na viola e ia até tarde, tocando as viola, cantando e tal. Eu lembro que uma vez eu já comecei a me interessar pelo som da viola. Aí teve uma vez que eu pedi a ele, falei: “Deixa eu segurar a viola do senhor?” Falei pro *Tacilinho*, Otacílio. Ele: “Tudo bem.” Era uma violinha Xadrez, pequenininha, sonzinho cristalino, aquela coisa. Ele me entregou a viola, aí eu: *[Dedilha a viola]* Passei o dedo, assim, falei: “Rapaz, que som bonito, que coisa legal!” Aí ele fazia assim: eles cantavam, enquanto rezava aquele trecho de reza ele me entregava a viola, eu corria lá

pra fora, sentava num banquinho de madeira que tinha. Nas casas geralmente tem um banquinho lá fora, eu ficava lá brincando com a viola. Tocando a viola e contando, opa, deu oito, opa tenho que voltar lá. Tinha o tempo que eu tinha que voltar entregar a viola pra ele [Risos] Aí voltava, entregava a viola, ele cantava nos refrão lá e tal. Terminava ele me entregava a viola de novo. Eu fui brincando, fui gostando daquilo, fui pegando o jeito, tal. Aí foi quando fui pra cidade, já mudei pra cidade. Falei: “Não, eu vou procurar um professor aqui.” Aí conheci algumas pessoas importantes lá na cidade de Campina Verde e já alguns falecidos. Na cidade mesmo tinha três ou quatro violeiros só, sabe? Mas eu encontrava um e tal. Encontrava outro e tal. E aí o Alemão foi o cara que me passou bastante toque de viola, me ensinou as primeiras músicas. “Chalana” instrumental. Inclusive esse repertório de cinco músicas eu aprendi foi com ele, entendeu? Fiz aula de violão, com uma professora chamada Betinha Chaves que também é lá de Campina Verde. É uma família muito tradicional de música, o pessoal dos Chaves, têm uma escola de música lá. Então fiz aula de violão, mas aí eu falava pra ela: “Não, mas não é esse som que estou querendo, parece que o som está diferente.” Um dia ela pegou e falou assim: “Menino, eu descobri o que você gosta.” Falei: “O quê?” “- Não, espera aí.” Aí pegou um sonzinho, colocou lá, ligou um CD do Almir Sater, começou a passar aquele som diferente. Falei: “Ah, esse som que eu gosto.” Ela falou: “Isso aqui é viola caipira.” Aí ela me apresentou o Alemão, entendeu? Começou aí. Ela falou: “Não, o seu negócio não é violão não, o seu negócio é viola caipira.” Foi aí que eu tive contato com o Alemão que me ensinou esses toques de viola. [Risos]

Domingos: Legal! A importância dos professores na vida da gente...

Wellington: Nossa! Aí tiveram outras pessoas, que às vezes não passaram nada, porque já estavam muito de idade. Mas falavam, contavam os causos. O seu Ataíde, que era um dos violeiros de Campina Verde também. Ele tinha outros irmãos que eram violeiros também. Ele me contava, eu gostava muito de ir lá na casa dele, conversar com ele, já estava bem de idade. Ele tinha quebrado o braço, não conseguia afinar a viola porque não tinha força pra apertar a tarraxa. Aí ele falava pra mim assim: “Ó, então você vai apertando meu filho, eu vou batendo.” Ele batia com os dedinhos dele lá, bem devagarzinho nas cordas. Aí eu ia apertando: “Não, não está bom, tá bom, já afinou, está bom, para aí.” Então, seu Ataíde, um grande violeiro, deixar um beijo lá pra família dele também. E aí eles eram foliões e cantavam, ele era mestre de Folia. E me falou uma vez que toda vez que o Tião Carreiro ia cantar em Campina Verde, o Tião Carreiro gostava de ir pra casa dele. Tião Carreiro fazia um show no sábado e o domingo todo era festa, violada, os violeiros da região toda e o Tião Carreiro ficava na casa dele. Ele tinha muita foto, muito material legal lá, sabe? E aí eu fui aprendendo com esse pessoal. Então é graças a esses violeiros de Campina Verde que me deram todo esse apoio... Com o passar do tempo eu descobri que havia um violeiro de Campina Verde que era muito famoso, muito conhecido no mundo todo e tal. E que por sinal, a gente era vizinho de fazenda! Que era o Roberto Corrêa, o grande Roberto Corrêa. E o pai dele, já falecido hoje também, seu Avaí Corrêa, tinha uma fazenda e era muito amigo do meu pai. Então meu pai sempre trabalhava lá com seu Avaí, fazia serviço de trator, essas

coisas. Mas eu não imaginava quem era o Roberto Corrêa. Um dia alguém me falou: “Olha, tem um cara de Campina Verde que é um dos maiores violeiros.” Aí eu fui pesquisar, comecei a descobrir, me mostraram, pessoas que tinham CD, material dele. Consegui comprar o livro do Roberto Corrêa. Aí falei: “Opa, agora eu tenho um material!” Porque a viola é muito de ouvido. Essa questão: põe o dedo aqui, aperta aqui, faz aqui, toca aqui, bate assim. Sempre foi muito assim. O Roberto criou aquele material “A arte de pontear viola.” Eu consegui comprar o livro, adquirei esse livro e era uma dificuldade financeira, moço, grande demais da conta, sabe? Mas muito. Eu lembro que paguei na época, parece que era quarenta e dois reais no livro. Ia na casa onde moravam os familiares do Roberto, levava dez reais, deixava lá. “- Ó, depois eu venho aqui vou trazendo mais, vou trazendo mais.” Aí sei que um dia eu juntei o dinheiro todo e aí a pessoa que estava me atendendo lá, seu Edson, tio do Roberto Corrêa. Falou: “Ele vai mandar o livro pra você.” “- Beleza!” Mas o Roberto não me conhecia. Aí ele mandou o livro, peguei o livro, depois comecei a estudar e tudo. Falei com esse tio dele: “Quando o Roberto voltar aqui, vier em Campina Verde, eu queria conhecer ele pessoalmente.” Um belo dia alguém me ligou: “Ó, o Roberto está aqui em Campina Verde, você falou que queria ver ele, ele está lá na fazenda do pai dele.” Aí falei: “Rapaz, a oportunidade de conhecer o cara!” [Risos] Chamei um primo meu, nós fomos lá, ele pegou uma caminhonete, uma C10 - povo da cidade nem sabe o que é C10. Pegou a C10, fomos lá na fazenda do seu Avai Corrêa. Fomos muito bem recebidos, o Roberto estava lá, pegou a violinha Tonante que eu tinha, deu uma tocada nela e tal. Aí me passou, escreveu pra mim o “Menino da porteira” em partitura. “- Ó, você vai estudar isso aqui, treina isso aqui.” Me passou umas manhazinhas lá. Rapaz, aquilo pra mim foi tudo! Já voltei pra casa, voltei outro menino pra casa. Encontrar o Roberto Corrêa! Cara famoso, cara conhecido no mundo todo, com o histórico que tem... Aquilo deu um ânimo pra mim muito grande, sabe? Muito bom isso. Falei: “Rapaz, estou no caminho, vou continuar. Estou no caminho.” Aquilo, rapaz, eu tocava essa viola vinte e quatro horas depois, não parava de jeito nenhum. E aí o tempo foi passando, fui estudando, fui aprendendo, comecei a ver as lições do livro, os acordes, formação de acorde, tal. Fui tirando as músicas, tinha um CD também pra você acompanhar. Depois teve esse lançamento do CD, eu vim pra Brasília. Me convidaram pra morar em Brasília, depois desse lançamento do disco dos meus tios. Aí foi quando eu conheci o grande violeiro Marcos Mesquita. Foi o cara que abriu as portas da Escola de Música [de Brasília] pra mim. O Marcos Mesquita foi um pai pra mim aqui em Brasília. Um cara muito bacana. Um cara muito generoso, o coração muito grande. Um grande músico, grande compositor. Me tornei amigo do Marcos Mesquita, graças a Deus, da Irene, que é a esposa dele, dos filhos, do Vitor. A gente ficou muito amigo, graças a Deus, hoje a gente até brinca que eu sou o filho mais velho do Marcos Mesquita! [Risos] Deixar um beijo aqui pra família do Marcos Mesquita e as filhas do Marcos Mesquita também. Hoje, uma das músicas que eu mais gosto de tocar é o “Casamento na roça”, do Marcos Mesquita. É uma música que toca muito no meu coração porque me lembra tudo isso. Todo esse apoio que ele me deu aqui em Brasília que foi fundamental pra mim. Cheguei na época novo, garoto aqui, dezenove anos, igual eu falei, a situação econômica não estava legal, não era muito boa.

Lembro que a gente saía muito. Eu fazia aula de teoria na Escola de Música [de Brasília] segunda e quarta, sexta-feira era aula de viola. Aí toda sexta ele me chamava pra eu ir pra casa dele almoçar. Aí eu: opa, filar uma bóia! [Risos] Aí ele falava: “Cara, gosta de galinha caipira?” Eu falei: “Ah, você esta doido, perguntar isso prum mineiro da roça?” [Risos] A gente ia lá pra casa do Marcos Mesquita, almoçava, a Irene fazia aquela galinha caipira. A gente ficava lá e eu colado, meu amigo, colado no Marcos Mesquita, sabe? Colado vendo o jeito dele tocar, o jeito dele puxar as cordas, aquela influência toda, que ele vai desde o caipira ao rock e eu sempre assistindo isso. O Marcos Mesquita foi um cara fundamental na minha vida, abriu as portas aqui em Brasília, me apresentou pra muita gente. Me ajudava a fazer meus primeiros projetos, ele fazia pra mim, digitava no computador, fazia tudo, me ajudava, me dava ideia. Então, um cara assim que não tem como nem eu retribuir tudo que ele fez pra mim, sabe? Um cara que eu falo, tenho ele como um pai hoje pra mim mesmo. É um cara que me ajudou e era engraçado, lembro direitinho, a gente andando, saía da Escola de Música que fica ali na 602. Ele me dava uma carona até a rodoviária pra pegar o ônibus. Conversava comigo, tal, aí na hora de descer lá na rodoviária ele sempre falava: “E aí, cara, como que você está de grana?” Você vê, um professor de música preocupado com isso? Então o cara tem um carinho, um coração. Ele falava: “E aí cara, como que você está de grana?” Aí eu sem graça: “Ah Marcos, está indo, cara.” Aí ele insistia: “Não cara, mas e aí, tem grana?” Falei: “Ah, tem um pouquinho...” [Risos] Aí ele abria a carteira. “- Não, não. Pega aí. Pega cinquenta reais aí, fica pra você, vou te ajudar.” Então assim, um cara que, nossa, fez coisa pra mim que me emociona, sabe? De todas as pessoas que me ajudaram muito aqui em Brasília, o Marcos Mesquita foi um cara diferencial na minha vida e tenho certeza que Deus colocou no meu caminho pra me abençoar. Sou muito grato a tudo que ele fez, sabe? Tudo, as dicas e quantas músicas ele me ensinava. Às vezes a gente ia, ele: “Ah vamos ali que eu vou resolver um problema numa empresa.” Chegava lá, demorava: “Pega a viola, vou te passar a introdução da música tal aqui.” Aí passava a introdução. “- Ah essa música aqui, quer aprender?” “- Quero!” “- Então pega aí.” Todos os lugares, eu tinha aula vinte e quatro horas! [Risos] Valeu Marcos, viu? Estamos aí dando sequência ao trabalho maravilhoso que você me passou e me ensinou. Não só na música, mas na questão pessoal também e como ser humano. E todos que me ajudaram aqui em Brasília, Deus tocou no coração de muita gente pra me ajudar. Porque é uma vida totalmente diferente, sabe? Você chegar do interior, de uma cidadezinha de quinze, vinte mil habitantes, onde o estilo de vida é todo diferente. Tudo você resolve a pé, tudo você faz por ali mesmo. Pega uma bicicleta, vai no banco, deixa lá, você pode entrar e pode voltar. Você dorme com a janela aberta, a porta do quarto, da casa aberta. Aí você chega numa cidade grande dessa aqui, tudo é diferente. Então pra mim foi muito sofrido no começo. E aí a gente foi aprendendo, essas pessoas foram me ensinando muitas coisas. Além do toque de viola, me ensinaram também como sobreviver nessa cidade. A gente conversava muito, a Irene me dava muito conselho também, sabe? “- Ó Wellington, cuidado, cuidado.” Eu bem novo, matuto da roça. Mas, graças a Deus, consegui vencer e ficou essa história bonita aí. Graças a Deus! [Risos] Bom demais!

Domingos: Que lindo cara! Quer tocar “Casamento na roça” pra gente?

Wellington: Opa! *[Risos]*

[Toca na viola caipira “Casamento na roça”, de Marcos Mesquita]

Wellington: Estou meio emocionado aqui! *[Risos]* Mas bom demais, graças a Deus que tem projetos assim como o seu pra poder registrar isso. Pra mim é uma honra estar participando, agradeço muito o convite, fiquei muito feliz. Aí a vida foi acontecendo, estudei na Escola de Música [de Brasília] com o Marco Mesquita quatro anos. Fiz teoria musical, fiz viola caipira. Comecei a dar aula em algumas escolas já pra poder sobreviver. Um dia ele falou: “Ó cara, você já pode começar a ter uns alunos, você já está tocando bem.” Outra coisa legal, o Marcos me colocava em todos os eventos dele. Entrei na Escola de Música em junho de 2009 e aí na primeira audição que teve ele já me chamou, falou: “Ó, você vai tocar uma música aí.” Falei: “Mas eu só toco cinco.” Falou: “Não, você vai tocar, você vai apresentar. Você vai tocar ‘Luar do sertão’.” Na época eu apresentei a música “Luar do Sertão”. Então ele trabalhou muito esse lado, ele me ajudou em todos os lados, a questão financeira, como aluno me ensinou, me passou as técnicas e também me colocava no palco, porque você tem que ter experiência. Não adianta você saber tocar muito, mas não ter experiência com o público, com o palco. Então ele me deu também essa grande oportunidade. Os shows dele, ele sempre me colocava em tudo, me chamava. Em todo evento eu estava prestigiando ele e pra mim era aula o tempo todo. Vendo a postura dele no palco, os comentários e como que ele lidava com o público. Então eu ficava ligado nisso pra aprender mesmo a parte de sala de aula e palco também. Foi muito importante pra mim, sabe? Eu já toquei em lugares importantes, graças a Deus, a gente vai sempre lembrando daqueles ensinamentos na sala de aula e nos palcos. Foi riquíssimo pra mim essas oportunidades que ele me deu, sabe? E depois dei aula nessas escolas aqui em Brasília. Criei um material também, um método de viola caipira, formação de acordes, escala, técnica de mão direita, esquerda, escala duetada, improviso, tal... Depois, graças a Deus, consegui abrir minha escola de música, que fica aqui em Taguatinga, no centro de Taguatinga, Escola de Música Betesda. A escola já tem doze anos agora e tem uma equipe lá maravilhosa. Hoje tem professor de acordeon, tem guitarra, tem outros de viola caipira, tem canto, tem violino, tem cavaquinho, violões. Graças a Deus, estou com uma equipe muito boa. Os professores, graças a Deus, uma turma excelente, dedicados, todos músicos profissionais. Cada um tem seu trabalho também e a gente vai trabalhando e, graças a Deus, conhecendo novos amigos. Expandindo essa arte de tocar viola e outros instrumentos agora também.

Domingos: Já a gente chega mais na escola Betesda...

Wellington: Tá.

Domingos: Pra você qual a importância da Escola de Música de Brasília e o curso de viola caipira numa cidade tão importante como essa?

Wellington: Olha, eu costumo brincar com meus amigos o seguinte: que um dia quero ser um deputado pra poder mudar a Escola de Música de Brasília. Porque ela mudou minha vida. Mas quero melhorar a Escola de Música de Brasília, porque ela precisa ser mais valorizada e mais reconhecida. Entendeu? Eu acho que deveria ser um curso alto nível ali. Não só profissionalizante, não só um curso profissional. Deveria ser uma universidade aquela escola ali, porque ela tem um valor. Quantos músicos hoje, de Brasília, ganham muito bem, têm uma vida muito boa, têm suas escolas, desenvolvem trabalhos e nasceram ali na Escola de Música de Brasília. Todos que passam por ali têm uma qualidade musical excelente. Então eu acho que deveria ser mais reconhecido por parte dos nossos governantes aí. Tem pianista que fica ali na Escola de Música seis, sete, oito anos e sai com um diploma técnico. Acho que não mudou isso ainda, não é? Então acho isso uma desvalorização com aquele trabalho que é feito ali. Dão todo o nome pra UnB e a Escola de Música. que é uma potência, fica ali daquele jeito. Grandes professores, maestros ali, pessoas maravilhosas. Deixar um beijo pra toda equipe da Escola de Música de Brasília, todos os professores, coordenadores, todo mundo que faz parte dessa equipe. É uma escola maravilhosa e acho que precisava ter um reconhecimento maior, sabe? Não sei por que esse tratamento assim, mas isso não é só minha opinião, eu escuto isso de todo mundo que já passou por lá, entendeu? Às vezes você fica cinco, seis anos ali, sai com um diploma que não vai te ajudar em nada. E você sai de lá um fenômeno, tem aluno ali que vou te contar. Muitos alunos que estão brilhando no Clube do Choro saíram da Escola de Música de Brasília. Aí vai pro Clube do Choro, que tem até mais nome, às vezes. Mas qual o motivo disso, entendeu? Então não vejo sentido nisso. Eu acho que deveria... Brinco com meus amigos: vou me candidatar, vou virar deputado e vou brigar para mudar essa causa aí, porque eu acho que a Escola de Música de Brasília deveria ser nível superior, do meu ponto de vista, pela qualidade que é desenvolvido o trabalho ali, entendeu? Você tem os melhores músicos, praticamente do Brasil, estão dando aula ali. Grandes feras estão ali. Já conheci ali grandes nomes: Paulo André, Marcos Mesquita, Roberto Corrêa... Maria de Barros. Enfim, a galera ali, maestros, tudo. Esse é o meu ponto de vista. Acho que deveria mudar essa situação aí. Mas vou me candidatar primeiro! *[Risos]*

Domingos: **Eu voto!** *[Risos]*

Wellington: Opa! Ó, dois votos já, deu sinal ali! *[Risos]*

Domingos: **Eu também penso isso, cara, a Escola de Música merecia. Na Europa, não sei se em todos os países, mas o conservatório é reconhecido como superior.**

Wellington: Está vendo? Acho que é até uma discriminação com a Escola de Música de Brasília. Uma escola que recebe músicos do mundo todo, a gente sabe disso, a influência que ela tem, a força que ela tem. Acho que precisava mudar isso, entendeu? Mas é o meu projeto! *[Risos]* Vamos lá! Acho que a Escola de Música de Brasília, como falei, já formou grandes músicos, nós temos aí referência. E impressionante, a gente andando em Brasília, encontra os artistas, pessoas de nome no meio sertanejo, do rock, do caipira, do MPB, em todos os segmentos musicais. Você conversa e quando você vai: “Ah, também já passei na

Escola de Música.” Grandes duplas que estão em Brasília hoje, até no sertanejo universitário, às vezes tem muita discriminação também do estilo universitário. Mas quando você busca na raiz, o cara fala: “Já estudei na Escola de Música. Já estive na Escola de Música de Brasília, já estudei lá.” Por exemplo Roni e Ricardo que são meus grandes amigos. Estudamos juntos lá em 2002. Hoje são grandes artistas no segmento sertanejo, mas têm a formação musical, têm toda essa bagagem musical, esse conhecimento de música. Então a Escola de Música de Brasília é aberta para todos os segmentos mesmo, sabe? É um lugar maravilhoso, ali é um berço, uma fonte mesmo de cultura. E tive a honra de entrar nessa escola, lembro que a primeira vez que fui lá, eu fiquei lá fora olhando, escutando, violino, violoncelo e tal... Percussão e tudo. Vendo o povo entrar e sair, eu fiquei: Ô meu Deus, será que um dia eu vou poder entrar aqui? Será que eu vou poder um dia ser aluno dessa Escola aqui, entrar um dia com meu instrumento aqui? E isso se tornou realidade, tive a honra de estudar lá. Então gostaria que tivesse um reconhecimento maior, sabe? Porque ela mudou a minha vida. O ensinamento que eu tive ali mudou minha vida, sabe? Então acho que precisa ser mais reconhecido. Mas vamos ter fé! *[Risos]*

Domingos: Ter fé e ir trabalhando!

Wellington: É vamos ter fé e trabalhando!

Domingos: Wellington, como você vê a presença da viola no Distrito Federal?

Wellington: Quando eu cheguei aqui era bem menor a quantidade de violeiros. Tinha os violeiros mais... Os fundadores mesmo do movimento da viola aqui: Volmi Batista, Aparício Ribeiro, Marcos Mesquita, Roberto Corrêa, Armindo Nogueira, Advogado e Engenheiro, seu Tião Violeiro, tinha essa turma, Vanderley e Valtecy, Zé do Campo e alguns outros. Então era essa turma aí. Hoje não, hoje você tem uma safra muito grande de violeiros, não é? Tem os encontros de violeiros, a maioria produção do Volmi Batista, você tem lá vinte duplas, entendeu? Ou mais, violeiros tocando todos os estilos. Hoje está riquíssima a quantidade, está maravilhoso o cenário da viola caipira aqui em Brasília. E uma coisa muito bonita que estou vendo também é a união entre os violeiros, porque quem é do meio sabe, infelizmente, antigamente existia uma certa rivalidade, umas besteirinhas que não pode ter na verdade. Mas os violeiros eram muito ciumentos antigamente, tanto que havia uma dificuldade de ensinar alguém a tocar viola também. Os violeiros antigos não gostavam de ensinar ninguém tocar, não gostavam de ensinar. Você que é violeiro, você sabe disso, já passou por isso. Hoje não, hoje você senta com um menino de quinze anos, ele já fala pra você: “E aí, quer aprender o pagode em Brasília?” *[Risos]* É desse jeito, entendeu? Mas, às vezes, você chegava perto de um violeiro mais antigo ele só tocava... *[Exemplifica tocando a viola]* “- É mais ou menos assim, faz assim, põe o dedo aqui, bate, puxa...” Aí você falava: “E aí?” “- Não, estuda aí, faz aí, descobre aí, escuta aí.” Era assim, era desse jeito. Hoje mudou, os violeiros estão com outra visão, sabe? A gente vai nos shows, tem o lançamento de uma dupla, você vê, cinco, seis, sete, oito duplas ali prestigiando, aplaudindo, batendo palma. Então é muito lindo isso, sabe? A gente tem vários projetos que a gente está sempre junto

todo mundo. Não dá nem pra falar aqui a quantidade de violeiros que tem hoje em Brasília. Eu falei dos pioneiros, vamos dizer assim, mas hoje, graças a Deus está bem, uma quantidade muito boa de violeiros. Espero que cresça!

Domingos: E é um fenômeno parece que nacional...

Wellington: Agora, graças a Deus, a gente tem... Por exemplo, na escola de música, na Betesda tem como você filtrar quem é que está influenciando mais, entendeu? Sempre costume dizer assim: a galerinha. A criançada. Criança, adolescente, jovem. Por exemplo, até os trinta e cinco anos a influência principal hoje é Bruna Viola, Mayk e Lyan, Lucas Reis e Thácio. Nós temos também Marcus Biancardini, um cara muito referência no Brasil e tudo, que influencia mais com a pegada instrumental. Aqueles que gostam da viola mais instrumental já focam mais no estilo Marcus Biancardini. Grande amigo meu, deixo um abraço também pra ele. Mas os que querem cantar, tocar uma viola no estilo mais caipira vêm com esses três principais nomes: a Bruna Viola, o Lucas Reis e Thácio, aquela pegada bem rápida, um estilo inovador ali e fazendo uns modão, só com uma pegada bem mais ligeira e tal. E também o Mayk e Lyan, com a mesma história, mas também um estilo um pouco diferenciado. Embora isso incomode um pouco os violeiros mais raiz, entendeu? Os mais antigos, eles são mais conservadores. O cara chega tocando pagode *[Demonstra na viola]* Os caras falam: “Não, mas Tião Carreiro tocava...” *[Demonstra na viola mais lento]* É a modernidade, isso faz parte, mas tem dado certo, continua, galera! Tem dado certo! *[Risos]* Tem divulgado. É isso aí, pessoal que está influenciando. Na escola, na Betesda nós temos aluno de seis anos, entendeu? Por exemplo, já tocando viola. Sabe? Chega, nem carrega uma viola, mas já quer tocar viola, já sabe o que quer também. Já chega dizendo: “Eu gosto de Bruna, eu gosto de Mayk e Lyan, gosto de Lucas Reis e Thácio, eu escuto Tião Carreiro, gosto de Zé Mulato e Cassiano.” Isso é muito importante, você ter essas informações. A internet chegou e mudou o cenário completamente, não é? Hoje você entra na internet, tem ali trezentos violeiros tocando. Então isso ajudou muito, favoreceu o crescimento dos violeiros. Muito bom!

Domingos: Qual foi o momento que você disse: vou montar uma escola de música?

Wellington: Eu dava aula na BSB Musical, uma escola maravilhosa aí de Brasília, dos meus amigos. Na época, eu dava aula também na Asa Norte, lá com o Flávio, que é o fundador da BSB. Dava aula em Águas Claras, dava aula em outras, Sudoeste. Mas aí o tempo começou a ficar corrido, eu já estava fazendo show, me apresentando, então sempre as pessoas te procuram no show: “Quero tocar viola e tal.” E já comecei a ter, além dos alunos da BSB, tinha alguns alunos também que eu já vinha trabalhando antes. Aí chegou um certo tempo que eu avaleiei: gente, não está compensando eu deslocar pra tão longe pra dar essas aulas. Conversei com o Flávio, falei: “Flávio, não vai dar, não consigo mais dar sequência aqui. Queria saber se posso sair, vou ficar em Taguatinga, que está fraco de professor, está tendo uma necessidade de professor de viola pra atender Taguatinga, Ceilândia, Guará. Posso trazer um aluno bom que eu tenho e deixar ele aqui, ele vai assumir as aulas? Eu vou abrir

um trabalho em Taguatinga, vou ficar só no meu trabalho agora, na minha escola.” Aí ele: “Não, tudo bem.” Aí passei todos os alunos que eu tinha pra esse professor, um aluno meu, porém muito bom, o cara tocava muito bem. Ele deu sequência no trabalho na BSB e eu falei: não, vou pra Taguatinga, agora eu vou abrir minha escola e vou começar. Aí comecei sozinho, aluguei uma salinha num prédio aqui em Taguatinga e comecei sozinho. Era de oito da manhã às dez da noite dando aula. Foi enchendo, foi ficando bom, graças a Deus, só que começou um lance legal. Às vezes eu dava aula pra pessoa, ele chegava e falava: “Ah, minha filha está com vontade de tocar teclado. Você dá aula de teclado?” “- Não, não dou aula de teclado. Eu dou aula de viola caipira.” Eu acho legal o profissional: meu instrumento é esse, então vou ficar nesse instrumento. Porque tem uma imensidão de coisa pra você aprender na viola caipira, acho que o professor tem que ser focado. Aí falei: “Não, não dou aula de teclado.” Aí outro chegava: “Ah, meu filho quer violão, você dá aula de violão?” “- Não, não dou aula de violão.” Um dia pensei, por que não contratar outra pessoa pra me ajudar? Um professor de violão. Aí chamei um amigo meu: “Rapaz, quer ganhar uma grana extra?” “- Quero.” Falei: “Então vamos começar a trabalhar comigo, estou tendo uma procura.” Montei, numa outra sala do lado, uma turma pra esse professor de violão, aí ele começou. Beleza, foi dando certo, foi dando certo e tal, precisei de mais um professor de viola, chegou um tempo que estava lotado, graças a Deus, falei com o Mariano, da dupla Macedo e Mariano, grande amigo meu: “Mariano, vamos começar um trabalho aí, vamos dar aula, cara. Você começa a dar aula, você faz seus shows à noite, mas você pode dar aula durante o dia.” Aí ele começou trabalhando comigo, o Mariano, graças a Deus, encheu os horários do Mariano, meus horários ficou cheio também. Aí falei: rapaz, vou chamar o Dyego, quem sabe o Dyego vem dar aula comigo. O Dyego é um maestro! Dyego é o fabricante dessa viola aqui, luthier, coisa e tal. Aí conversei com o Dyego: “Dyego, vamos dar aula, cara, o que você acha? Trabalhar como professor, dando aula, muda um pouco, fica o tempo todo na música?” Ele trabalhava, tinha outro segmento, o Dyego. Ele falou: “Olha, Wellington vamos conversar.” Conversamos, o Dyego começou a dar aula também comigo. Aí ficou eu, Mariano e Dyego. E o professor de violão que era um amigo meu, o Marlos. Aí a turma já foi crescendo. Rapaz, o apartamentinho já não estava dando mais não. Porque eu fui alugando as salas, falei: está ficando meio caro, se eu alugar uma casa grande melhor pra mim. Aí fui pra QNA. QNA 13, onde está a escola hoje. Era na QNA 6, foi pra QNA13. Aluguei uma casa bem maior, bem grande, fiz várias salas, passou a ter recepção. Até então não tinha recepção, a gente atendia o telefone. Eu resolvia tudo, dava aula, atendia o telefone, fazia contrato, me virava. Aí falei: agora vou arrumar uma recepcionista, vou deixar aqui, vou começar, agora vai virar uma empresa, vai virar uma escola. Estava eu, estava o Marlos, estava o Mariano e estava o Dyego. A gente trabalhando, precisei de mais um professor: rapaz, vou chamar o Macedo. Falei com o Macedo, da dupla Macedo e Mariano: “Macedo, vamos dar umas aulas aí.” “- Uai, vamos, sô.” Aquele gravezão [da voz] dele: “Vamos.” Aí começamos a trabalhar, o Macedo também, graças a Deus. Aí eu estava com um aluno muito bom na época, o Ronis... Todo mundo foi enchendo, graças a Deus, ia aparecendo aluno e a gente trabalhando legal, ensinando. Aí quando você faz um bom trabalho, o filho

depois vem também estudar com você, entendeu? Hoje eu tenho netos de pessoas que estudaram comigo dez anos atrás, doze anos atrás, estão estudando com a gente hoje. Aí foi crescendo, foi apanhando essa proporção toda e a gente sempre trabalhando, graças a Deus. Peguei um aluno que era muito bom também, falei: “Você vai virar professor.” Treinei ele, passei a manha como queria, peguei o método que eu desenvolvi. Falei: “Você vai trabalhar em cima do método.” Aí foi crescendo. Aí foi chegando professor de violino, aí chegou professor de teclado. Foi professor de saxofone. Um dia o Dyego já estava com bastante aluno, o Dyego é um cara muito musical, ouvido excelente, canta muito, faz primeira, segunda voz, tal. Viola, violão. Falei: “Dyego, está na hora de você tocar uma sanfona.” “- Sanfona?” Falei: “É. Você vai tocar sanfona.” “- Nunca toquei isso.” Falei: “Vai tocar, vamos pegar.” Peguei o método Mario Mascarenhas, falei: “Dyego, senta aqui, bora estudar esse trem aqui.” Fomos na teoria, eu e o Dyego, os baixos é assim, a formação é assim, isso aqui é acorde, aqui é fundamental, aqui é cambio, aqui é isso, aqui é maior, aqui é menor. Aí começamos, o Dyego foi mexendo, foi mexendo, um dia ele falou: “Wellington, estou gostando da sanfona, cara. Vou tocar esse trem pra valer.” Falei: “Vai mesmo!” Hoje ele já virou sanfoneiro o Dyego. Começou a dar aula de acordeon também. E foi crescendo a história da escola, vamos fazer agora doze anos, graças a Deus. É uma alegria muito grande... Hoje eu tenho já em Brasília, a gente vê no cenário musical, grandes duplas que já foram alunos da nossa escola, da Betesda, entendeu? Isso deixa a gente muito feliz. A gente tem Ânderes e Fernandes, que é uma dupla maravilhosa de viola caipira aqui em Brasília, o Ânderes foi aluno nosso. A própria Karen Parreira que é uma artista, cantora, produtora, também foi aluna nossa. Inclusive, a Karen estudou violão clássico lá na escola, na Betesda, violão clássico, por isso que ela toca super bem violão, viola também. E Luiz Borges e Moisés Mozer, que é uma dupla também caipira. O Luiz Borges também foi aluno nosso. E outros professores hoje dão aula em Brasília. Tem o Paulo Romero também, que é professor em Brasília e é violeiro foi meu aluno. Então a gente sempre encontra a turma aí e isso é motivo de muita alegria. Idelbrando e Barcellus, uma dupla também de viola caipira, o Idelbrando foi aluno nosso lá de canto, fez técnica vocal com o César. Esse professor de canto é muito conhecido, muito renomado, tem um trabalho muito bom. Então muitos famosos procuram a gente: “Opa, quero corrigir isso aqui, quero carregar a técnica e tal.” Inclusive o padre Periquito, grande artista, um cantor, apresentador de programa, deixar um abraço pra ele e pra toda equipe dele. Padre Periquito também é meu aluno de viola caipira. Agora o Marlon, da dupla Wilian e Marlon, que também é muito referência em Brasília no estilo sertanejo, está fazendo aula de acordeon com a gente, o Marlon. O Roni e Ricardo, a dupla que eu mencionei, são meus amigos, o Ricardo também está começando na viola agora, quer pegar a viola caipira. É bom quando você tem esses nomes de referência buscando você pra aprender, pra aprofundar, pra ter mais conhecimento. E graças a Deus, uma quantidade muito boa de pessoas aprendendo com a gente agora também.

Domingos: Prosperidade, muito bom! Minha avó assistia muito, quando ela estava viva, falava: “Domingos, o padre Periquito é violeiro, gosta de viola.” E no cenário dele tinha

uma coberta atrás, aquela coberta bem caipira, minha avó falava: “Eu fazia aquela coberta quando era moça.”

Wellington: É. Olha aí.

Domingos: Ela gostava dele, o padre Periquito.

Wellington: O padre Periquito, além de ser um grande artista, grande apresentador, um líder religioso. Ele é uma pessoa maravilhosa, um cara humilde demais da conta, pé no chão, respeitador, leva todo mundo no programa dele, trata todo mundo super bem, sabe? Dá a maior força, valoriza mesmo a música raiz, que ele gosta mesmo da música raiz, da música sertaneja. Ele, toda a equipe dele, a Luciana, a banda toda lá que acompanha, os meninos são top de linha. Todos, câmera, a equipe dele. São pessoas maravilhosas e está fazendo sucesso porque merece mesmo e fazem um bom trabalho. E a gente está sempre trabalhando, isso é motivo de muita alegria e a gente continua estudando também, tem que estar estudando, o segredo é esse. Continuar estudando, aprendendo coisas novas, no crescimento aí. E feliz! *[Risos]* Graças a Deus!

Domingos: Quer tocar mais alguma coisa aí pra gente?

Wellington: Uai, quero! *[Dedilha a viola]* Vou cantar uma moda minha. É um pagode de viola que eu fiz aí falando das coisas de Deus. *[Dedilha a viola]* A gente tem que agradecer o que ele faz pra gente, não é?

[Toca na viola caipira e canta a música “Meu salvador”, de sua autoria:]

O Senhor morreu na cruz

Pra nos dar a salvação

Nunca pediu recompensa

Mesmo assim você não pensa

Em mudar seu coração

Você vive sendo escravo

Dessa nova geração

Gente que não pensa em nada

Só quer roubar o vizinho

E matar o nosso irmão

Abra o seu coração

Sinta o poder da fé

Essa força é muito grande

Quando você receber

Não vai ficar de pé

A palavra é o alimento

Que sustenta essa nação

Nunca faltou mantimento

Nem amor e união

Na casa de um cristão

Meu Senhor está voltando

Prepare, você vai ver

Muita gente está enganada

Seguindo sem perceber

Porque a palavra não lê

Mas existe um salvador

Que nos leva lá pro Pai

Esse é o caminho, a verdade

Também ele é a luz

E seu nome é Jesus

Wellington: É moçada, esse é o caminho! *[Risos]* Essa moda eu compus já tem mais ou menos seis anos. Estava frequentando uma igreja evangélica e muitas bandas, porque a igreja evangélica também é um celeiro de música, entendeu? É uma escola, a galera se dedica muito, aprende muito e os líderes cobram bastante, então a galera fica muito afiada, sabe? Eu frequentando essa igreja e lançaram um festival, vamos fazer um festival. Só eu de caipira lá, os caras todos no rockzão, a influência na igreja é bem rock hoje e a galera destruindo, batera, guitarra... Eu lá, assistindo os caras, os caras ensaiando, rapaz, pro festival, seis meses antes os caras ensaiando. Banda, banda e baixo, os caras bom pra

caramba. Aí eles anunciando: ó, vai fechar o tempo da inscrição, quem quiser participar faz a inscrição. Tinha que pagar uma taxinha lá, tipo vinte contos, tal. Ó, vai fechar tal dia. Um dia falei: ah, vou participar desse festival. Fui lá: “Vou fazer minha inscrição.” Aí: “Ó, tem que ter o nome da música”. Falei: “Não tenho nem a música, como vou dar o nome da música?”

[Risos] Eu não tinha nada nesse segmento, um tema mais religioso. Falei: “Não, só põe meu nome aí: Wellington Assis. Põe meu nome e deixa que semana que vem eu passo o nome da música pra vocês.” Acho que faltava tipo uns três meses pro negócio. Aí fiquei... Resolvi lá, fui embora. Teve até uma pessoa que falou: “Como você faz inscrição, participar do festival sendo que nem música você tem. Está doido?” Falei: “Não eu falei pra Deus o seguinte, eu estava lá na igreja, senti vontade, falei: Deus quero participar desse festival. Não quero ganhar nada não, só quero tocar minha viola no meio dessas bandas de rock, quero ver o que vai dar.” Tá bom. Aí fui pra casa, pegava a viola e tal, não vinha nada... O tempo foi passando e nada de música. A pessoa falava: “E aí, cadê a sua música?” - Não, daqui a pouco vou fazer a música.” Faltava coisa de menos de um mês, pro festival e eles falavam: “Ô mineirinho, cadê a viola, vamos ensaiar moço, todo mundo ensaiando. E sua banda, quem vai te acompanhar?” Falava: “Não moço, fica quieto aí. Já sei quem é minha banda.” Aí tá. Fiquei pensando: o que vou fazer? Um dia fui pra igreja, teve uma pregação bonita lá, o pastor falou umas coisas, muito legal, reflexão... Voltei pra casa, falei: vou lá pro estúdio - lá onde eu dava aula -, vou fazer essa música agora. Faltava bem umas três semanas mesmo só. Aí falei: vou fazer essa música agora. Fui pra minha sala, cheguei lá, peguei a viola, foi impressionante, eu peguei um papel, uma caneta, sentei na minha mesa e a letra veio, entendeu? Na hora, como se tivesse uma pessoa mesmo falando no meu ouvido, ditando pra mim. Eu fui escrevendo, fui escrevendo, foi coisa de minuto, falei: uai, a música está pronta! Eu li, ficou legal! Ficou uma história boa. Aí pensei: mas e o ritmo? Que ritmo vou por nessa música aqui? Aí na hora veio na minha memória que eu participei de um acampamento com esse pessoal, foi a primeira vez que tinha ido lá na igreja, eu levei a viola. Teve um intervalo lá das festividades, o líder do louvor falou: “Cara, você trouxe a viola?” Falei: “Trouxe.” - Pega lá, pega a viola.” Aí eu peguei a viola, ele falou: “Toca um trem pra todo mundo gostar mesmo.” Aí eu [Toca trecho na viola] Pagode! Esse pagode aqui é inevitável, você tocou ele você vai ganhar todo mundo. Aí a molecada já começou a bater na mão, brincar e tal! Lembrei disso, falei: gente, pera aí, um pagode. Toquei aquele dia, o povo gostou, vou fazer esse trem virar um pagode. Aí eu [Demonstra na viola e cantarola] O Senhor morreu na cruz... Deu certinho! Aí fiz as passagens e teve uma coisa legal, geralmente pagode de viola não tem acorde menor, geralmente é mais em cima do um, quatro, cinco ali. Aí eu [Toca a viola] Entrou um Sol suspenido menor, um Fá suspenido menor. Falei: opa, ainda ficou diferente! Aí tá bom. Falei: tá, mas e a introdução? Que vou fazer de introdução? Uma época eu estava fazendo umas participações com um pessoal, isso coisa de uns dez anos atrás ou mais, estava indo de madrugada pra um estúdio lá na Asa Norte, lá no Plano [Piloto] e eu estava no ônibus nesse dia. Não tinha carro, estava no ônibus. Entrei no ônibus aqui no centro de Taguatinga e tinha pouquinha gente, aí o povo foi descendo, foi descendo, quando chegou ali perto da rodoviária, mais ou menos, do Plano, todo mundo desceu. Ficou

só eu, o motorista e o cobrador. Aí falei: ah, quer saber um negócio, vou dar uma esquentada aqui que vou pro estúdio gravar. Fui lá pro finalzinho, no banco tem aquela cadeirinha do meio, sentei naquela cadeirinha, peguei a minha viola, afinei a viola e comecei a brincar. E saiu *[Toca a viola]* Isso tudo na hora ali, que acabei de escrever, comecei a lembrar, lembrei do ritmo lá nesse acampamento, aí falei: pera aí, tem uma introdução que fiz um dia no ônibus, deixa ver se lembro aquele negócio. Comecei, lembrei. Aí eu fiz a introdução, bati o pagode, cantei, falei: a música está pronta. Cinco minutos, dez minutos, não foi nem mais do que isso. Aí já peguei, já cifrei, peguei o celular, já gravei a melodia na hora. Falei: vou gravar aqui porque senão a gente perde. Quem está compondo sabe como é, às vezes vem uma melodia muito nova na sua mente, se você não gravar na hora ali, daqui a cinco minutos você não lembra mais como era aquele detalhezinho. Aí gravei, beleza! No outro dia passei o dia todo já ensaiando, trabalhando em cima da música e gostei da música. Liguei pro pessoal: “Gente, olha, vai ter ensaio?” “-Tem, tem ensaio.” “- Que dia?” “- Amanhã.” Falei: “Então tá bom.” Isso foi no domingo, liguei na segunda, eles falaram que tinha um ensaio na terça-feira. Então beleza, vou lá. Caipira também não é besta, falei: espera aí, os caras tem já cinco meses ensaiando, eu não tenho banda, não tinha ninguém que me acompanhava lá na igreja e geralmente a galera do rock, do MPB não tem a nossa pegada caipira, igual eu não tenho a pegada deles. É normal, cada um na sua praia, mas eu estava acompanhando os ensaios, já estava mais ou menos sacando quem eram os caras que eu ia gostar que tocasse comigo. Aí fui no pastor, falei: “Pastor, o seguinte, eu fiz minha inscrição, quero participar só que não tenho banda, não tem ninguém que toca comigo aqui, os meninos tocam tudo diferente de mim e eu não quero trazer ninguém de fora pra tocar aqui. Porque senão vai ficar estranho, vou trazer uma banda lá de fora, não fica legal. Então quero os músicos da igreja, quero que o senhor me autorize o seguinte – esperto, hein? - eu vou pegar alguns dos músicos aqui e vou montar minha banda. Posso fazer isso?” Ele falou: “Vou conversar com todo mundo, te dou uma resposta.” Pastor Luciano, grande amigo meu. Ele conversou lá com a turma e no outro dia me ligou: “Wellington, eles gostaram da ideia, acharam interessante, só que você vai pegar um de cada banda.” Falei: “Perfeito, melhor ainda!” Aí eu já estava vendo, sabia, aquele baixista é bom, aquele batera é bom, aquela cantora é boa, violão ali é top, tinha um que tinha uma pegada mais sertaneja no violão, opa, vem cá. Aí falei: “Beleza pastor, vou chamar os caras.” Fui no ensaio, falei: fulano, fulano. Aí tá bom. Peguei uma moça lá que cantava muito bem, coloquei ela pra fazer um *backzinho* pra mim, beleza. “- Galera, vamos passar a banda do caipira aqui, do mineirinho.” Então vamos! Aí nós juntamos os caras lá. Rapaz, quando eu sentei o pagode aqui todo mundo gostou! Os músicos todos já vibrando, a galera tocando e os caras brincando, querendo tocar também, tal. Aí beleza, ensaiamos umas duas ou três vezes ali, beleza, o festival. Chegou no dia do festival a galera moendo, rapaz, e tal e tudo... Falei: rapaz, que vai dar, será? Aí tá bom. Me chamaram: “Agora uma viola caipira lá de Minas Gerais.” Aquela brincadeira toda! Entrei aqui *[Dedilha na viola]* Bati o som da viola, o povo já ficou espantado. Tocamos a moda. Rapaz, mas foi tão aplaudido. O povo gostou tanto. Pra mim foi uma novidade, a viola dentro da igreja evangélica ali, era uma novidade. Mas o povo

gostou muito. Aí beleza, ficou aquela coisa legal, todo mundo aplaudindo, todo mundo dando parabéns. Falei: gente, pera aí, não ganhei nada não. Mas foi boa demais, foi bonito demais. Aí foi acontecendo, começou a apuração e tal. Terceiro lugar: fulano de tal, não sei o quê. Aí o rapaz que estava apresentando o festival falou assim: “Olha, os jurados pediram pra apresentar de novo duas bandas. A banda tal e a banda do mineirinho. Eles querem que apresenta de novo.” Falei: uai, então o que será? É porque a gente ficou meio empatado no segundo lugar, parece, sabe? Aí eles queriam que apresentasse de novo pra descobrir quem é que ia ficar em primeiro ou segundo. Aí nós pegamos e aí fui de novo, toquei. Falei: uai. Fiquei pensando, será que já estou dentro da seleção do negócio? Aí quando eu toquei, rapaz, o povo vibrou, gostou e os pastores da bancada que estavam nos jurados, os caras tudo dando sinal de positivo pra mim. Falei: esse trem vai dar certo! *[Risos]* Graças a Deus ganhei, fiquei em segundo lugar, sabe? Mas foi um presente pra mim porque a intenção não era ganhar, a intenção era participar. Eu queria mesmo, por isso que já peguei um de cada banda, porque eu queria misturar com a galera, queria interagir com todo mundo. Se eu pegasse uma banda só ia ficar meio... Falei: quero aquele baixista ali, aquele baterista, aquele violão. Misturei com todo mundo, virei amigo de todo mundo, aí pronto! A viola começou a entrar na igreja também. Toquei em vários eventos de igreja evangélica, muitos eventos, sabe? E hoje, até na igreja evangélica, que era muito seletivo o que se tocava lá. Hoje não, hoje a viola está dentro de todos os segmentos, sabe? É sertanejo, é caipira, é gospel. É no rock, nós temos violeiros tocando rock hoje. Marcos Mesquita, por exemplo, é um desses violeiros, ele mais o Vitor têm um trabalho maravilhoso com músicas dos Beatles na viola. Então a viola realmente expandiu pra todos os estilos e chegou na igreja evangélica, acho que um dos lugares mais fechados, às vezes receoso de entrar outro instrumento. Mas essa foi a história da minha música aí *[Risos]* Bom demais, graças a Deus!

Domingos: Legal cara! Você compõe também outras coisas, outras temáticas?

Wellington: É, às vezes saem umas instrumentais também. Tenho um monte de coisa gravada lá, falta tirar um tempinho pra poder: pera aí, isso aqui soma com isso aqui, isso aqui vai entrar encaixar aqui. Mas a correria também às vezes impede você de fazer isso, o compositor tem que ter um tempo... Mas como eu estava muito focado na escola, trabalhando muito. A escola funciona, por exemplo, abre oito da manhã e fecha às dez [da noite], de segunda a sexta. Então tenho que estar o tempo todo, além de administrar, tenho que cuidar, acompanhar, capacitar professores e tudo. Então é um pouquinho desgastante, mas pra esse 2020 agora que está chegando estou com projeto de focar um pouquinho mais nas composições e organizar mais isso.

Domingos: E você tem alguma coisa pronta de instrumental aqui que dê pra mostrar agora?

Wellington: Acho que não *[Risos]* Agora não, vamos deixar pra próxima...

Domingos: Só por curiosidade o Roberto Corrêa compôs aquela “Perobeira Maria” para um Maria lá de Campina Verde. Tem a ver com seus familiares?

Wellington: Tem. Tem sim. É porque lá em Campina Verde tem uma região chamada Perobas, uma fazenda chamada Perobas. E como falei no começo, a minha família às vezes nem assina Maria, mas tem o apelido de Maria, entendeu? Engraçado isso, porque antigamente era lá as Maria, João Maria, tinha esse sobrenome Maria, todo mundo herdou esse apelido Maria. Tinha um grupo de irmãos, se não me engano eram seis irmãos que moravam nessa região chamada Perobas, são tios da minha mãe. Então todos eles tocavam, tinha cavaquinho, tinha viola, tinha sanfona, tinha violão. Eles formavam esse grupo e faziam os bailes da região toda. E quando o Roberto Corrêa compôs essa música foi em homenagem a esse grupo. Perobeiras, da fazenda Perobas, Marias, os irmãos Marias. Roberto Corrêa conhece muito bem a minha história, a minha família. Ele é um pesquisador então ele conhece esses artistas todos. Mas meu avô tocava nos bailes, o Sebastião Maria, na época de solteiro, ele tocava violino e tocava violão. O pai dele, que é meu bisavô era o Lázaro Maria, era o que tocava viola. Aí depois do meu bisavô não tinha mais ninguém que tocava viola, só tinha meu bisavô, Lázaro Maria. Tanto que quando eu invoquei com a viola todo mundo ficou apaixonado: “Nossa, vai voltar de novo a viola na família!” E aí meu avô conta que os fazendeiros chegavam lá: “Ó, trouxe essa novilha pra você tocar no pagode lá amanhã, fazer a festa pra nós no fim de semana lá.” Os fazendeiros ricos chagavam com duas violas, três violas, violão, o casal pro meu bisavô, davam de presente pro meu bisavô. “- É pra você tocar lá, fazer o baile pra nós.” A minha família é muito tradicional mesmo de música e mantinha essa cultura muito forte na região. Tanto que interessante, na região lá, quando tinha o festival de música e falavam assim: “Ah, fulano Maria vai participar.” Os outros falavam: “Vixe, então esquece, primeiro lugar já é do Maria.” Porque eu acho que, além do dom musical, as pessoas se dedicavam muito, sabe? Minha família sempre se dedicou muito. Eu ainda tenho muitos primos que tocam. Tios da minha mãe que, graças a Deus, ainda estão vivos, setenta, oitenta anos, oitenta e poucos ainda estão tocando violão. Estão tocando sua sanfoninha, dando seguimento. Depois se perdeu um pouco, não sei. Teve uma certa época que a música vinha muito forte, depois ela deu uma... As pessoas parece que pararam de tocar, pararam, perderam essa cultura de aprender a tocar o instrumento. Pode ser porque antigamente, por exemplo, os pais sentavam na porta da casa com a viola e os filhos sentavam tudo ali. Então não tinha televisão, não tinha internet, não tinha nada disso. O que era o *hobby* ali? Era ouvir o pai, geralmente era o pai e o tio, os dois irmãos tocando, cantando, às vezes a esposa também cantando. Era muito, a veia musical era bem mais do que hoje, na verdade, a criança já tinha aquilo ali desde bebê, já tinha aquela vivência caipira. Meus tios contavam que era tudo assim, serenata. Hoje você fala: serenata. Se você perguntar pra esses jovens de quinze, dezesseis anos, às vezes não vão nem saber o que é uma serenata. O que é um baile tocado, um baile de roça, eles não vão saber o que é isso, porque hoje eles conhecem só boates, shows e boates. Eles não sabem o que é um baile. Então essa cultura era bem mais nítida, bem mais vivida. Você aprendia com seu pai, por isso que tem esse ditado, que a viola é de pai pra filho. Na verdade não existe

isso, naquela época era natural porque o filho acompanhava o pai o tempo todo. O pai pegava a viola, todo dia de tarde ele ia tocar uma viola, pontear uma viola, ia pra novena, igual eu falei, levava viola, ia cantar, ia pra comunidade. Tinha na fazenda as comunidades. Comunidade era um barracão grande onde as pessoas se aglomeravam, se juntavam ali e passava o dia. Uns vão jogar truço, outros vão cantar, aqueles que gostam de cantar, levam instrumento, vão cantar, vão tocar. Quem gosta de jogar bola vai jogar bola, faz um torneio. Então a comunidade era isso, chamado de comunidade lá na fazenda. Geralmente toda região tinha sua comunidade. Campina Verde tinha várias comunidades, tinha Tijucal, tinha H7, que é uma comunidade muito famosa e tinha outras, Cachoeirão. Existia isso. Hoje não existe mais isso. Hoje você chega no interior não existe mais você falar assim: “Ah, mas o que virou H7?” Não existe mais H7. H7 era o quê? Era uma fazenda muito grande de um povo muito rico lá e eles tinham várias plantações. Nessa fazenda certamente morava coisa de umas cem pessoas, uns cem funcionários moravam nessa fazenda, cada funcionário tinha sua casa. Esse povo tinha que ter uma diversão no fim de semana. Então o que eles construíram? Essa comunidade. Um barracão bem grande e aí lá todo fim de semana tinha baile, tinha forró. Era onde os violeiros, sanfoneiros iam pra lá e faziam o baile, tocavam, o povo dançava, se alegrava. Geralmente no sábado à noite acontecia esse forró, começava o baile oito horas da noite, ia até onze horas, meia noite, porque quatro horas da manhã todo mundo já tinha que levantar pra tirar leite. Então a vida era assim. Hoje dá uma tristeza muito grande na gente, você chega na fazenda aí, passa na porta de uma comunidade, por exemplo, Tijucal, que era uma comunidade onde eu fui criado na minha infância. Era lotado de gente, duzentas pessoas numa comunidade dessa. Todo fim de semana, sexta, sábado, domingo. Você chega lá hoje não tem ninguém, não tem nada, acabou tudo, entendeu? O povo sumiu. E quando você vê dois, três, está no celular. Não jogam truço mais, não tocam uma viola, às vezes nem bola não jogam mais, entendeu? Então se perdeu muito isso, perdeu essa essência... O povo conversava muito, batia papo, o caipira fala bater papo... Então a gente namorava, sempre tinha uma igrejinha, a comunidade era assim, tinha o barracão... Contar procês aqui! *[Risos]* Tinha o barracão e do lado tinha uma igrejinha católica e tinha um campo de futebol. Então as comunidades eram isso, tinha o barracão, a igreja. O forrozinho ali, coisa e tal, você conhecia a Mariazinha, filha da fulana, aí você: “Não, vamos ali conversar um pouquinho ali.” Era aquele namoro santo, aquela coisa linda, aquela coisa sem malícia, sem maldade. Era muito bom, entendeu? Era muito bom! Tenho certeza que quem está escutando isso agora está recordando, está lembrando dos bailinhos de fazenda, dos namorinhos! Você chamar a menina pra dançar, meu amigo, aquilo dava uma alegria na gente. Tinha as moças bonitas que quebravam a foice, já ouviu falar nisso? Quebrar a foice é: eu chamo a moça pra dançar e ela fala: “Não, não, não vou dançar não.” Chamava quebrar a foice. Isso era tão sério, na época, que tinha cara que arrancava o revólver e metia bala pra cima, acabava com o baile! Então as moças bonitas tinham que ter muito cuidado. Era um negócio muito sério, entendeu? Tinha uns cabra muito ignorante na época também. Hoje o cara chega na moça, tal, ela: não, não quero nada. Pronto. Ele sabe que isso é normal. Ninguém é obrigado a ficar com ninguém. Mas naquela época não, se não

dançasse com o rapaz era motivo pra ele acabar o baile, entendeu? Acabava com o baile, não aceitava mais ter baile. Os cabras tomavam umas pinga, uns goró e ficavam nervoso, todo mundo armado, antigamente podia andar armado e tal, na roça lá. Então chamava quebrar a foice, chamava pra dançar e a moça... As meninas bonitas, o que acontece, quando elas chegavam no baile, muitas vezes os pais não deixavam elas dançar com nenhum amigo, pra não acontecer. Porque se dançasse comigo já estava dando o direito de dançar com você e dançar com ele. Então aí já não podia e se negasse dançar com alguém aí a briga estava feita, entendeu? Tinha essas histórias também. Mas eu sempre chegava, já fazia uma amizade com o pai da moça ali antes, coisa e tal, aquela conversa mole! *[Risos]* E não sei o que e a gente conseguia dançar, entendeu? Mas era esse namorinho bem gostoso, aquela coisa legal, aquela paquera. Hoje sou amigo dessas meninas todas aí, graças a Deus. A gente se encontra depois de vinte anos, sabe, a gente vai rir, vai dar risada daquela época e tudo. Às vezes estava lá atrás da igreja, conversando com a menina, não estava beijando não, não estava fazendo nada. O pai chegava, meu amigo, o cabra vazava na saroba *[Risos]* E os homens era bravo, moço, os pais eram bravo demais. Hoje os pais é bonzinho, mas na época que eu era menino, tinha lá meus doze anos, onze anos, os pais eram bravos demais da conta. Mas era bom! Sempre fui um menino bom. Sempre fui envolvido com os cabra da música também isso favorecia, entendeu? Porque eu sempre gostei, estava tendo um pagode, eu já chegava, já sentava ali perto do sanfoneiro, do violeiro, já puxava assunto, já ficava ali querendo ouvir, tal. Então os pais das meninas já, não, esse cara é diferenciado, está ali junto e tal. Isso ajudava um pouquinho, mas arrumei umas encrencas também! *[Risos]* Bom demais, viu?

Domingos: Mas como foi chegar nessa cidade enorme onde tem também um encontro de culturas diversas?

Wellington: É. É diferente demais, igual falei: eu tentei, quando vim pra cá, porque eu queria manter aquela coisa caipira aqui. Em 2002, como eu já falei, no começo, eram só os violeiros, aqueles já que estavam com bastante estrada mesmo. Então eu não achava ninguém pra montar uma dupla comigo, pra cantar comigo. Porque geralmente o violeiro gosta disso, de cantar em dueto. Você pode ver que todo violeiro solteiro, como se diz por aí, mas ele quer cantar com alguém, ele gosta da primeira, da segunda voz, do violão acompanhando, isso é maravilhoso. Então eu pensei: cara, vou trazer alguém da minha terra pra cá. Mas tentei trazer umas seis pessoas pra cá e ninguém conseguiu ficar aqui. Primo, irmão, amigos de infância, que a gente tocava lá em Campina Verde, brincava junto, ninguém conseguiu adaptar aqui, entendeu? Porque é totalmente diferente. Muito diferente. Lembro de uma vez que fiquei chateado porque no interior você conversa com todo mundo, você dá bom dia, tchau e aí? E eu falava bênção pras pessoas mais de idade, tinha essa mania de falar bênção, bênção e tal. Aí eu andando na rua um dia, fui passando por um senhor, ele olhou pra mim, eu: "Bênção." Ele fechou a cara e foi embora. Não pegou na minha mão, não falou comigo, nem deu bom dia pra mim. Aí voltei pra casa chateado, quase chorando, sabe? Rapaz, mas que povo ruim, que povo mau, por que o povo da cidade

grande é assim? Depois você vai entendendo que cidade grande você não pode falar com qualquer pessoa, você não pode ir pegando na mão de qualquer pessoa. Infelizmente tem isso mesmo. Mas é uma diversidade cultural muito grande, você vê muita coisa diferente, tem coisa que eu vi aqui que nunca vi lá em Campina Verde *[Risos]* É muito diferente! Mas Brasília é bom... Eu fui muito abençoado aqui em Brasília, tenho hoje grandes amizades. Em Acho que na cidade grande você tem que saber com quem você anda. Então você tem que saber escolher suas amizades, saber filtrar. Ó, essa pessoa é boa então vou por aqui. Não, aquele lugar lá não é legal então não vou ali, entendeu? Mas fugir dessas coisas que você sabe que não é bom, a gente tem que fugir. Quanto maior a cidade mais liberdade, enfim, mais tudo. Então a gente tem que saber filtrar e fazer aquilo que você gosta, estar no meio de pessoas que você se sente bem. Agradeço muito a Deus porque a viola me apresentou amizades maravilhosas, eu conheço muita gente hoje. A minha família hoje são meus amigos aqui. Tenho dois filhos, o Davi e o João Pedro, que são meus pareirão aí. O João Pedro já toca comigo. O João Pedro tem quinze anos de idade. O Davi tem seis. E o Davi, invocadinho com viola também. Já está tocando, já faz “Chalana”, já faz “Menino da porteira”, com seis anos de idade. São meus parceiros aí hoje, Davi e João Pedro. Então a vida vai acontecendo, vai seguindo e acho que o bom da cidade grande é que você tem mais espaço, você tem mais oportunidades. Porque na cidade pequena geralmente, na minha cidade, por exemplo, à noite, no sábado, tem duas casas noturnas, tem um lugar chamado Urupê, tem um outro lugar chamado 13 de Maio. São as duas casas que tem na cidade. E depois tem uns quatro, cinco barzinho, por exemplo. Ou você toca ali pra ganhar, sei lá, cem reais a noite toda, ou então você não vai fazer nada. Aqui não, aqui tem quantas casas noturnas, quantos bares tem, quantos locais, teatros e espetáculos e tudo pra você tocar. Há uma oportunidade muito maior. O lado bom da cidade grande é isso, essa facilidade que você tem de apresentar seu trabalho.

Domingos: E de vez em quando você volta pra Campina Verde?

Wellington: Sim. Todo final de ano eu volto, geralmente no mês das férias de junho eu gosto de ir pra lá também, ficar com minha mãe. Tocar uma viola com meus parentes lá e curtir, pôr o pé no chão. Pescar uma traíra, eu gosto de uma pescaria de traíra *[Risos]* Uma traíra com suco de limão, uma traíra fritinha com um suquinho de limão é bom demais! Então eu gosto de rever meus amigos, sabe? Essas pessoas que eu falei aqui, todos, quando vou lá eu faço questão de visitar um por um, sabe? Porque são as pessoas que ajudaram eu chegar até aqui. São meus primeiros professores e tem um monte de outras pessoas. O Sanduque, que foi um grande violeiro em Campina Verde, já faleceu também. Como a maioria dos violeiros, quando eu comecei, eram de idade, infelizmente hoje já não tenho a maioria desses amigos porque já faleceram. Eu tinha, na época que comecei a mexer com viola, meus quinze, dezesseis anos e esses violeiros já tinham oitenta, entendeu? Porque ficou um tempo sem ter violeiro, entendeu? Sem nascer violeiro, vamos dizer assim. Não sei se foi a influência muito da música sertaneja, aquele estilo Zezé [di Camargo], que às vezes tirou um pouquinho a música caipira do cenário. Ficou uns vinte anos sem aparecer violeiro. A safra

foi ficando de idade e não vinha nada. Quando o Daniel gravou o “Meu reino encantado” foi uma coisa maravilhosa, entendeu? Ele trouxe isso aí. Muitos violeiros não gostam de dizer que a viola estava morrendo não, mas estava sim. Ela não estava morrendo, mas ela estava ficando só na mão de quem estava morrendo, entendeu? Então é claro que ia morrer. Porque os violeiros, infelizmente, já estavam tudo de oitenta para cima, entendeu? Quer dizer, tinha mais vinte anos de viola, vamos pensar, que a pessoa poderia viver até seus cem ali. Mas estava enfraquecendo muito. Aí, graças a Deus, o Daniel teve aquela visão de gravar “Meu reino encantado”, gravou acho que três. Ali o Daniel, por ser um cabra bem mais jovem, uma influência, influenciou muitos meninos a começar a tocar. Começou dali, era “Meu reino encantado”, depois que veio Bruna Viola, depois que veio todos esses outros trabalhos que eu mencionei. Mas o Daniel foi um cara muito importante, o trabalho dele foi muito importante pra isso, porque ele fez um trabalho bem raiz. Isso ajudou muito a incentivar os novos talentos, foi acontecendo dessa forma, mas infelizmente a viola... Você vê, a minha cidade é quinze mil, vinte mil, dezenove mil habitantes deve ter hoje. Na minha época tinha uns quatro ou cinco que tocavam viola só. Não tinha mais do que isso. Entendeu? Então pra vinte mil, quatro pessoas só tocando viola, não tinha mais. Porque eu conhecia todo mundo, cidade de interior você conhece todo mundo. Eu conhecia todo mundo, eu sabia os bairros todinhos, conhecia as pessoas, quem tocava, quem não tocava. Tinha um evento chamado “Canta viola” na cidade. Então quem tocava alguma coisa ia apresentar nesse local, você via quem é que sabia tocar. Eu comecei novo, depois apareceu outro rapaz querendo tocar também, mas novo, era só eu e ele, não tinha mais ninguém que queria tocar viola. Eu fui tachado de caipira, de besta, de jeca, desse jeito, quando eu comecei a tocar minha viola. Porque eu andava, meus amigos de viola era sessenta, setenta, quando era os mais novos tinha sessenta anos de idade, setenta, oitenta, era os meus coleguinhas. E eu menino de quinze anos, dezesseis. As meninas novas me humilhavam, os caras novos me humilhavam, entendeu? Não foi fácil não. Inclusive teve uma cena que eu não esqueço, quando comprei minha primeira viola, uma viola Tonante. Eu fui numa loja lá em Campina Verde, Casa São Miguel, nem sei se tem essa loja mais lá. Vi essa viola quando eu já comecei a gostar, quando a Betinha falou pra mim que meu instrumento era a viola. Falei: então vou comprar uma viola. Aí fui nessa loja, comprei essa viola e fui pra casa, eu morava na casa da minha tia, minha mãe morava na fazenda, mudei pra cidade e fui morar na casa da minha tia, Maria José. Morando lá inventei de comprar uma viola, falei: vou tocar esse negócio então. Comprei essa viola... Eu lembro, a viola foi sessenta reais, dividi numas dez vezes, sem brincadeira! Trabalhava numa marcenaria, quando fui pra cidade, eu virei marceneiro, mas na época era ajudante de marcenaria, ganhava sessenta reais por mês trabalhando nessa marcenaria. Era só fazer limpeza, descarregar as carretas de prancha que chegava, uma pranchinha fininha assim, mais ou menos, uns oito metros de comprimento. Era o meu serviço, entendeu? Era bem pesado, sabe? Eu ganhava bem pouquinho pra fazer isso, mas falei: vou comprar essa viola. Fui lá, conversei com o dono da loja, ele foi muito legal comigo, falou: vou dividir pra você. Não existia cartão de crédito, não tinha cheque, nada disso. Ele dividiu na palavra ali, sabe? Aí você vê, já começou a acontecer bem lá de

trás, a pessoa te indica alguém. A pessoa primeiro diz pra você: “Não, seu instrumento é viola.” Aí você vai na loja, você não tem crédito nenhum, você não tem nada, o cara divide: “Pode comprar, você vai pagando.” Fui pagando aquilo lá. Quando cheguei na casa da minha tia com essa viola, tinha uma prima minha lá que gostava de desfilar, era modelo, desfilava, era rainha de exposição, coisa e tal. Era chique ser rainha de exposição, entendeu? Mas ser violeiro era brega, era caipira, era coisa de... Moço, essa prima riu tanto de mim! Riu mesmo. Ela riu, ela ficou de sacanagem: caipira, não sei o quê, falou um monte de coisa pra mim, sabe? E eu fiquei, baixei a cabeça, falei: tá bom, deixa você comigo. Tá! Aí liguei não. Briguei não. Fui tocar minha viola, fui ensaiar e tal. A coisa aconteceu, mudei pra Brasília, comecei a estudar na Escola de Música [de Brasília], fui aprendendo, fui tocando, foi começando as coisas a acontecer. Um belo dia eu voltei na cidade dessa prima minha e tinha uma festa lá, me convidaram pra tocar nessa festa. Aí já cheguei com a viola e também não tinha lá os violeiros dessa cidade: São Francisco de Sales, onde minha mãe mora hoje. Essa cidade também tinha assim, dois violeiros, que essa cidade é um pouco menor ainda. Tinha dois violeiros, por exemplo, aí enturmei com a turma, fui tocar e tal... Chegou na casa, depois que terminou a festa, todo mundo aquela coisa, aquele auge, aquele negócio com a viola, Wellington tocando. Nós voltamos pra casa, quando cheguei na casa da minha tia, que é a mãe dessa prima, ela pegou uma revistinha. Porque antes tinha revistinha de música, hoje a galera também não conhece isso. Hoje é o Cifra Clube e não sei mais o que aí, é o Google. Mas antes, na nossa época era revistinha. Você comprava a revistinha, tinha a revistinha com as músicas caipira, Tião Carreiro e Pardinho, tinha Leandro e Leonardo, tinha Zezé di Camargo, tinha as músicas, Coletânea Aquarela, esse material que a gente tinha. Aí estava lá na casa da minha tia, ela chegou e falou pra mim: “Primo, vamos cantar umas músicas?” Essa menina que tinha me zoadado, hein, há uns cinco anos atrás. Aí, falei: “Não, para de sacanagem, está de sacanagem, até hoje está de sacanagem comigo?” “- Não, não estou de sacanagem não. Vamos cantar, eu quero cantar com você.” Falei: “Mas você quer cantar o quê? Que música que você quer cantar?” Porque eu falei: vou apertar ela, se ela não falar nome de música está de sacanagem. “- Não, vamos cantar ‘Chalana’.” Falei: “O quê, você quer cantar Chalana?” “- Quero, quero cantar ‘Chalana’.” Aí eu falei: “Você sabe a letra da ‘Chalana’?”. “- Sei, eu sei, eu comprei o livrinho, eu tenho o livrinho, eu vou pegar.” Foi lá no quarto, pegou o livrinho. Aí tinha “Chalana”, tinha “Colcha de retalho”, “Cabecinha no ombro”, “Menino da porteira.” Falei assim: “Você quer cantar mesmo?” “- Quero, pode começar que eu sei a letra.” Comecei a tocar, ela começou a cantar comigo. Aí na hora eu fiquei pensando por dentro, falei: gente, como muda. Uma pessoa que me sacaneou, que ficou tirando sarro na minha cara, me zoando, me chamando de caipira, de jeca tatu, de tudo quanto há. Hoje me pede pra tocar uma viola. Ela me pediu, queria que eu tocasse a viola pra ela cantar. Peguei a viola, toquei a viola, ela cantou a música inteirinha. Aí eu já comecei a perceber a mudança que a viola estava tendo. Entendeu? Porque de caipira você passou a ser... Hoje, nas melhores casas de Brasília tem a viola caipira. Hoje se tornou um negócio de altíssimo luxo. Hoje a gente faz show no Lago Sul, Lago Norte, Park Way, que são os principais lugares de Brasília. Onde o instrumento não entrava, era diferente. Mas hoje

não, hoje é diferenciado, entendeu? Então se tornou um instrumento chique, nobre. Hoje o pessoal que cria cavalo, que tem haras, que tem fazenda, que anda de Hilux, eles querem tocar a viola. Não estão querendo tocar outro instrumento. As meninas lá na escola, na Betesda nós temos um monte de moças de dezessete, dezoito anos, filhas de fazendeiros, filhas de grandes empresários daqui de Brasília e elas vão pra escola de chapéu, camisa de manga comprida, calça jeans, fivela e bota no pé. As meninas da classe mais alta de Brasília. Então você fala: rapaz, aonde a viola chegou! Ela deu um salto assim gigantesco de caipira, de pobre, de peão. A viola era conhecida assim, era de peão, era de pobre, de caipira, de Zé ninguém. Tanto que as imagens que você tem, observa, na internet, de caipira é tudo pé no chão, a calça dobrada, camisa velha, roupa velha, não sei o quê, chapéu velho. É essa a imagem do caipira, tanto que essa foi a imagem que o Almir Sater lançou na novela. Lançaram ele na novela, no Pantanal, depois veio Rei do Gado, depois teve Ana Raio e Zé Trovão, os trabalhos dele. E daquele jeito, botina velha, sempre assim, botina velha, chapéu velho, camisa de todo jeito, você vê que a camisa bem surrada, calça... Bem simplão, simplão é a imagem dele, o Almir Sater. A gravadora depois tentou colocar um terno nele, um paletó. Então ele tem CD gravado com paletó, capa de terno e tal. Não pegou! Ninguém viu Almir Sater assim, o Almir Sater é daquele jeito. Então ele foi muito inteligente, viu que a imagem do caipira era daquele jeito, mas hoje está tudo moderno, entendeu? Hoje na escola Betesda nós temos desembargadores fazendo aula lá, nós temos neurocirurgião, nós temos de todo nível de profissão, nós temos gente do alto escalão lá, sabe? Igual nós temos vendedor de picolé também, que vende picolé na rua de Taguatinga e faz aula com a gente, é amigo nosso. Está lá junto com a gente. Então a viola hoje não tem, assim dizer: ah, mas onde ela entra? Não, ela está em todos os lugares. A gente faz muito, pego muito show particular pra fazer, Lago Sul, Lago Norte, Park Way, Sudoeste, os lugares mais nobres aí. É um instrumento que está em alta, o curso de viola caipira hoje não é um curso barato. Por exemplo, não é dos mais baratos, o violão você tem gente dando aula de violão a R\$150,00 reais. Você procura um professor de viola, quatro aulas por mês, na faixa de R\$300,00 reais pra cima. Está entendendo? Está diferente. Uma viola, comprei minha viola por sessenta reais. Hoje você vai comprar uma viola, uma viola dessa aqui, fabricada... Outra coisa que não existia, luthier, não existia essa palavra, nem os caipiras sabiam o que era isso, luthier. Não existia. Você ia na loja e comprava uma Tonante. Aí você começou a aprender, depois você comprava uma Giannini ou uma Del Vecchio. Não era assim? Você é violeiro, você está entendendo isso! *[Risos]* Os violeiros que estão vendo também estão entendendo. Tanto que muitos violeiros, até hoje têm a sua primeira viola em casa. Eu tenho a minha, uma Tonante. Está lá guardada, é a minha história, está lá, entendeu? Eram instrumentos que custavam cem reais, cento e cinquenta reais. Eu comprei a minha de sessenta, a minha primeira. Hoje você tem instrumento desse aqui que vai custar seis mil, seis e pouco, sete, oito, nove, dez, doze mil. Tem violas aí que custam nessa faixa de preço. Doze mil [reais]. Hoje nós temos captação que é top de linha, captação americana, captação até japonesa, coisa importada, coisa de alto padrão, alto nível. Desde tarraxa, desde madeira, madeira importada aqui. A madeira mais luxuosa da viola é o jacarandá da Bahia, é a mais

comentada. Depois tem *maple* e tem outros, mas a mais luxuosa, temos o jacarandá da Bahia. Mas aqui a gente tem madeira americana, depois tem madeira da África, que é o ébano africano, que é essa madeira preta, já é uma madeira da África. Essas tarraxas são importadas também, hoje são fabricadas na China, mas essa tarraxa, por exemplo é uma tarraxa da fábrica Rozini, fabricada na China por encomenda deles e projeto deles e tudo. Mas toda sofisticada, com dezoito dentes que é para segurar mais a afinação. *[Toca a viola]* Então segura bastante afinação. Antigamente não era tarraxa, era cravelha, era uma madeira enfiada assim, tinha um furo aqui e a madeira era enfiada aqui, a corda passava na ponta da madeira e então o cabra afinava e tal, às vezes desafinava muito. Hoje você tem tudo do mais sofisticado numa viola caipira. Tudo, *case*, toda estrutura. Foi uma mudança muito grande, surgiu grandes luthiers, hoje nós temos no Brasil grandes luthiers já. E graças a Deus é uma profissão que já está dando vida boa pra muitas pessoas. Tem pessoas especializadas em viola caipira, só faz viola caipira, não faz violão. Nem tem tempo pra fazer outro violão. Tanto que está tão forte a questão da viola caipira que você vai lá no Dyego pra fazer uma viola dessa aqui com o Dyego, o meu luthier, aqui em Brasília. Ele vai pedir, certamente, uns oito meses pra te entregar a sua viola. Entendeu? Ele não consegue entregar ela o mês que vem, não dá conta de fazer isso. Nenhum luthier vai fazer isso, entregar ela daqui dois meses, três meses, não consegue. Eu sei de luthier que pede dois anos pra entregar o seu instrumento devido à demanda que está muito grande. Graças a Deus isso está alimentando muito. A própria Rozini tem também uma linha chamada concertista, que é uma viola também que vende muito. Porque na escola Betesda a gente vende instrumentos também, pros alunos que querem um instrumento de linha, ainda não quer um instrumento a nível concertista, ou ainda não consegue financeiramente, ou não quer investir tanto dinheiro num instrumento pra começar o curso, você pede uma viola de fábrica. Às vezes a Rozini precisa de três meses pra entregar uma viola dessa, está entendendo? Mas por quê? Porque não tem, já está tudo vendido e já saiu tudo. Você entra nas lojas de música tem viola que não tem lá: “Essa viola semana passada eu tinha, mas já vendeu tudo.” Está um consumo muito grande mesmo, em todas as áreas. Hoje quase toda escola de música já tem um professor de viola caipira. Quando eu cheguei aqui, que comecei a estudar, eu atendia seis unidades da BSB, era eu sozinho. Hoje, certamente, cada unidade já deve ter um professor, entendeu? Cresceu muito, aumentou muito e eles utilizam o material que eu desenvolvi. O Brasil todo, porque agora tem no Brasil todo. Mas eu acho que a visão tem que ser essa. Sem inveja, sem ciúme, sem medo. “- Ah, mas eu vou falar do meu concorrente.” Claro, mas se eu sou bom, o cliente vai vir pra mim. Ele vai conhecer meu concorrente, mas ele fala: “Não espera aí, o Wellington é melhor, vou voltar pro Wellington.” Entendeu? Então é assim que a gente trata lá na escola. Eu sempre oriento meus professores a não falar mal do concorrente, de jeito nenhum, quem tem que fazer a avaliação é o cliente. Graças a Deus, minha escola continua crescendo todos os dias. Quando chega alguém falando mal na minha escola eu falo: “Não. Não vamos falar mal não. Vem aqui, conhece o meu produto, conhece o produto dele, mas não fala mal do produto dele não porque cada um tem uma forma de trabalhar, tem um jeito. Acho que não é legal a

gente entrar nesse mérito aí.” Tem crescido muito e os violeiros novos, você também, tão novo, tão jovem e ponteando uma viola igual você tocou aqui, eu vi já. Tão respeitado no cenário caipira, graças a Deus, com trabalhos excelentes com sua equipe aí, isso mostra o potencial que está a viola. Antigamente, a gente não tinha nada gravado, por exemplo, do meu bisavô eu não consigo ver nada. Não tem nem uma foto do meu bisavô com viola. Nenhuma foto. Não existia registro. Hoje olha aqui, tudo aparelhagem top de linha, estúdio dos mais top que tem, câmera, técnico. Técnico aqui também e a estrutura toda. Isso ajuda muito também você ter material com qualidade. Você vai no youtube, vê um monte de vídeo de viola com excelente qualidade, tudo top de linha. Antigamente, eu comecei a tirar música ouvindo fita. Você tinha que colocar a caneta [Cantarola] Caneta azul, azul caneta... Rodava ali até você, não, pera aí, a juventude não vai entender isso, mas a fitinha quadradinha, você enfiava a caneta bic ali, rodava. Eu acho que já está no lugar da música, que eram duas bolinhas, duas rodinhas, uma de cá outra de cá e a fita ficava passando aqui. Então você pegava aqui, a fita não estava de cá, estava toda daqui, aquele rolo de fita, mas de tanto fazer isso eu já sabia: não, a música está mais ou menos na metade da fita. Eu colocava a caneta aqui, rodava a fita, essa rodinha ia puxando a fita, quando chegava na metade eu colocava lá no som. Depois já inventaram um som que tinha essa função de correr, de passar a fita pra frente. Você só apertava ali ela ia [Risos] E você ouvia: é aqui. Então pra você tirar uma música dava muito mais trabalho. Hoje já tem aplicativo que você vai lá e faz a música ficar lenta. Uma coisa que é [Demonstra na viola] Ela fica [Demonstra na viola tocando mais lento] É maravilhoso! Hoje é muito mais fácil. Então tudo isso faz com que a música cresça e tudo vai despontando. Todo esse segmento aí em alta, graças a Deus. As grandes feiras de música, hoje tudo tem a viola caipira, é maravilhoso e a gente agradece a Deus, quero que continue crescendo, cada dia mais, porque isso me abençoa e abençoa também meus concorrentes. Eles também têm que ter uma vida boa, têm que manter a sua família, enfim, deixar o seu nome registrado. A gente tem que crescer todo mundo junto e tem sido maravilhoso. Brasília foi muito bom e sou amigo de todos os violeiros aqui de Brasília, não tenho nenhuma inimizade. Toco com todos, ando com todos e vou em todos os eventos, faço questão de estar em todos os eventos: Zé Mulato, Vanderley, Volmi Batista, Dyego e Gustavo, Jacarandá e Braúna e nossos parceiros, todo mundo aí. Vou no sertanejo universitário também, bato palma também lá e toco junto, a gente está junto. Acho que o segredo é você viver bem e estar tranquilo, estar de boa com todo mundo. E curtir a vida!

Domingos: E você é caipira?

Wellington: Eu sou caipira mesmo. Sou bem caipira. Às vezes acho que até demais, entendeu? Essas modernidade aí. Rapaz, instagram, pensa num cara que fica doido com instagram, eu fico perdido. Nossa, eu fico perdido, às vezes meus amigos ligam: “Rapaz, você pôs um negócio aí que não pode por não.” Falei: “O quê que eu pus?” “- Não sei, tem um negócio aí. Tem uma foto aí, tira aí.” “- Como é que eu tiro agora?” [Risos] Eu sou um caipira nato mesmo, graças a Deus, e quero continuar caipira. É um orgulho pra mim ser caipira, sabe? Tanto que pra não perder esse sotaque, esse jeito caipira, eu mergulho sempre lá nas

minhas raízes. Não afasto de jeito nenhum, quando não posso ir pra Minas [Gerais] dou um pulinho no Goiás aqui, mas fico junto com a turma porque o jeito de falar é diferente, o palavreado é diferente. Uma coisa muito bonita também no caipira é a palavra, entendeu? O caipira de verdade. Ele fala pra você: “Amanhã você pode vir buscar o dinheiro.” Amanhã, meu irmão, você pode fazer compromisso com o dinheiro. Amanhã você vai buscar o dinheiro, porque o caipira falou pra você buscar o dinheiro amanhã. Então é umas coisas muito boas. Graças a Deus, não tenho inadimplência na minha empresa, graças a Deus, não tenho esse problema, embora minha empresa também tem outros públicos, tem roqueiro, tem MPB, mas não tem problema na minha empresa. Mas eu acho que o que a gente planta a gente colhe também, então a gente vai plantando um bom trabalho, você vai atraindo pessoas parecidas com você, pessoas que pensam igual você. Eu sou um caipira de fato mesmo, como diz o Zé Mulato. Eu amo ser caipira e a modernidade fica rodeando a gente, ela fica te rodeando, às vezes quer colocar um negócio diferente, quer uma coisa diferente. Às vezes você até aprende uma gíriazinha diferente, tal. Mas de vez em quando: espera aí, isso aqui não faz parte não *[Risos]* Mas a minha essência caipira, graças a Deus, é muito forte, sabe? Muito forte e eu tenho muito orgulho de ser caipira. Muito!

Domingos: Você acha importante o registro também dessas histórias das pessoas, igual a gente está fazendo com você?

Wellington: Nossa, é demais. É fundamental, entendeu? Isso é maravilhoso e tem que ter muito projeto assim, vocês têm que fazer muita coisa desse jeito. Porque hoje estou sendo gravado, daqui duzentos anos, quem vai estar assistindo? Meus bisnetos vão poder me assistir, porque vocês estão me gravando. Legal, não é? Eu não posso assistir meu bisavô porque ninguém gravou ele, ninguém registrou, mas meus bisnetos vão assistir porque vocês estão me gravando, vocês estão fazendo essa filmagem, vocês estão fazendo esse registro. Um dos comentários que sempre faço também, comparando a música popular brasileira com a música caipira, a música popular brasileira, por ela estar muito no Rio de Janeiro, desde o começo já ter nascido ali, mais num berço de ouro, vamos dizer assim, do que a música caipira, mais cheia de equipamentos, de gente mais interagindo com o negócio, com câmeras e tudo. E influências até americanas e tudo ali, tinha registro desde o começo, não é. Partitura, a ideia da partitura, agora que está nascendo coisas de partitura em viola. Lá no Japão já se toca “Garota de Ipanema”, mas não deve tocar “Pagode em Brasília” porque a partitura às vezes não chegou lá ainda, às vezes o vídeo não chegou lá ainda. Nós temos muito material de música popular brasileira, de rock, desde o começo tem tudo isso, dos grandes festivais ali, mas a música caipira a gente tem algumas coisinhas na internet, por exemplo, Tião Carreiro e Pardinho, uma dupla de muita referência. Você busca na internet, eu nunca vi nenhuma imagem profissional de Tião Carreiro e Pardinho, mas você vai lá no outro lado da bossa nova você vê. Gilberto Gil, Caetano Veloso, tudo coisa profissional há muitos anos atrás. Então isso prejudica o crescimento. Você vai lá no Tião Carreiro, um cara filmando, com uma maquininhazinha meio simplesinha, numa churrascaria que é um dos vídeos mais conhecidos do Tião Carreiro e Pardinho, numa churrascaria,

aquela coisa bem simples, bem caseira, bem feita ali daquele jeito. Infelizmente se torna até pobre, um material pobre, não é igual, não tem uma estrutura dessa, não tem uma equipe dessa, não tem esse luxo todo que tem aqui. Isso, no meu ponto de vista prejudica também o crescimento, entendeu? Mas agora nós temos esse apoio, graças a Deus, temos equipe como vocês que estão interessados, empenhados em fazer isso. Pessoas apoiando também, porque se não tiver patrocínio, se não tiver apoio você não faz. Como que você faz, como você desloca, como você paga, como você edita, como você monta, como você faz tudo isso? Então eu vejo vários pontos importantes agora, apoio a grandes eventos, por exemplo, em Brasília agora já tem grandes encontros de violeiro, encontro de Folia. Isso movimenta muito, a gente recebe muitos interessados em aprender a tocar viola porque estavam lá no encontro de violeiros. Assistiram os violeiros e tudo. Aí ficou motivado, passou na loja, comprou uma viola e já procurou a escola, entendeu? Então esse registro é fundamental.

Domingos: Já pensou se tivesse uns vídeos bons do Tião Carreiro, como você faz essa introdução?

Wellington: Moço, já pensou! Já pensou? Tanto que quando você entrou em contato comigo eu disse na hora: “Quero!” Porque é importantíssimo isso. É importantíssimo esse trabalho que vocês fazem. Esse registro, a gente que trabalha com música e que ama realmente a cultura, a gente sabe o valor que tem, o valor que isso significa pra gente. Igual você falou: Bambico, poucas pessoas conhecem Bambico, foi um dos maiores violeiros de todos os tempos, mas não tem quase nada. Acho que o vídeo mais famoso dele é ele tocando lá, era no “Viola, minha viola.” Com o Moraes [Sarmiento], na época do Moraes ainda, ele tocando “Brincando com a viola.” Acho que é quase um dos únicos que tem na internet dele. Tem depois com João Mulato, que ele era o Douradinho na dupla, João Mulato e Douradinho, tem ele cantando muito como Douradinho e tal. Mas nada focado assim, chamando esse nome de Bambico. Uma das únicas gravações dele é essa mesmo do “Viola minha viola” chamando ele de Bambico, ele se apresentando como Bambico. Faltava muito, hoje nós temos que aproveitar isso que a gente tem agora, gravar e colocar mesmo na mídia, mostrar. Graças a Deus, tem crescido, tem dado certo, têm nascido novos produtores musicais, com o intuito de registrar, tem melhorado muito, graças a Deus. Espero que os nossos governantes, as empresas grandes aí apoiem mais, façam projetos, apoiem projetos dessa forma, porque acho que nada melhor do que o registro mesmo pra manter viva a cultura.

Domingos: Você poderia tocar alguma coisa pra gente?

Wellington: Sim [*Dedilha a viola*] Vamos fazer a “Chalana”, comentei aquela hora da “Chalana.”

[Toca instrumental na viola caipira a música “Chalana”, de autoria de Arlindo Pinto e Mario Zan]

Domingos: É viola linda!

Wellington: Essa é uma música que fala muito comigo porque foi uma das primeiras mesmo que eu aprendi, sabe? Uma das primeiras músicas. É engraçado, meu professor, Alemão, era muito engraçado porque ele tomava uns goró também... Acho que é por isso que eu não bebo, sabe? Eu vi muita coisa quando era menino! Aí ele tomava umas pinguinhas, era gente boa demais, me tratava super bem, tal. Eu pegava minha bicicletinha, pegava minha Tonantezinha, uma mão no guidão, outra levando a bicicleta. Ia pra casa dele, aí chegava lá, chamava ele, ele vinha. A maioria das vezes ele vinha meio chapado, gostava de tomar uma biritinha. Aí ele: “E aí mano véio?” Falava assim comigo: “E aí mano véio?” “- Rapaz eu estou querendo aprender uma musiquinha nova.” “- Não, hoje não estou muito a fim não, cara. Não estou afim não. Volta amanhã.” Beleza! Eu achava muito engraçado a franqueza dele. “- Não estou muito a fim não.” Aí eu voltava, ia estudar o que eu sabia, no outro dia, de novo, saía da marcenaria, tomava um banho, opa, vou lá agora. Aí eu ia lá. “- E aí Alemão?” “- Ah, entra aí filho, vou te passar um negocinho aí.” Aí ele pegava a viola [*Dedilha a viola*] Era engraçado que ele era canhoto, mas ele não virava as cordas. Porque o correto do canhoto é mudar as cordas também, porque a gente tem a corda mais grave, que é esse si, quando você toca um pagode [*Demonstra na viola*] O polegar pega nessa corda mais grave, nesse par e aqui a gente puxa o par mais agudo. Então, geralmente, o canhoto tem que inverter pra ele poder fazer isso. Que aí o polegar dele aqui vai pegar a corda mais grave. Mas ele tocava normal, não invertia as cordas. Então ele só pegava minha viola, virava e já começava a tocar: “- Ó, pega isso aqui.” Fazia um negócio bem rapidinho pra mim. “- Senta no sofá aí, toca aí.” Eu ficava lá treinando e ele lá na cozinha, não sei o que ele estava fazendo lá não, se estava tomando mais uma, ele ficava lá escutando. “- Não, não, errou a nota aí, não é assim não, pera aí. Volta aí.” Aí eu voltava: “Como que é?” Aí ele fazia direitinho. “- Não, ah, agora está certo. Agora está certo. Pode ir embora então, amanhã você volta.” Era assim, coisa bem rapidinha, pegar um trequinho da introdução, mas aquilo era alegria tão grande. Por isso que eu tenho prazer de ensinar, porque eu sei o quanto é bom aprender. Nossa, como é gostoso você aprender algo novo! O aluno chega na escola, ele quer algo novo. Você passa uma introduçãozinha, aquilo é uma riqueza pra ele. Pro professor é a mesma coisa, porque você já toca aquilo todo dia, mas pro aluno é uma riqueza, sabe? É um cara que eu tenho no meu coração porque eu sei que ele tinha lá os motivos dele, mas ele não ensinou ninguém. Ele só me ensinou. Ele nunca quis ensinar ninguém. As pessoas ofereciam dinheiro pra pagar, ele nunca me cobrou nada. As pessoas ofereciam pra estudar com ele porque ele era um cara muito bom, músico muito bom. Tocava contrabaixo, violão, viola, guitarra e ele nunca quis nada. “- Não, eu não dou aula não. Não gosto de dar aula não.” Ele era pintor também, era um excelente pintor, pintava quadros, telas e tal. Era um cara muito talentoso, sabe? Mas ele não gostava de dar aula. Ele me ensinava porque eu acho que ele tinha um chamado já na minha vida, mas não gostava de dar aula. Ele era músico, tocava na banda, fazia show na cidade. Os artistas chegavam na cidade para fazer show, chamavam ele pra tocar, famosos conheciam ele. Chegavam lá, chamavam, ele ia tocar com os caras. Ele não ensinava ninguém, mas ele gostava de me ensinar. Eu ia lá, aí eu também aprendi a lidar com ele. A gente fala que violeiro mais de idade é igual boi carreiro. Boi carreiro você tem

que saber lidar com ele, não é de qualquer jeito também não. O violeiro, você tem que saber lidar com ele, você vai com jeitinho, vai conversando e você consegue o que quiser com o violeiro, mas tem que chegar devagarzinho. Porque o violeiro é sistemático, ele tem o jeito dele. Chegar pegando na viola do violeiro você já cria confusão. Hoje já não tem tanto isso, hoje você está na roda de viola o cara: “Não, me dá aí.” Pega, toca. Mas antigamente, se você chegasse num violeiro e pegasse na viola dele sem pedir, meu irmão. Às vezes, pedindo eles não deixavam: “Não, não gosto que ninguém pega na minha viola, ninguém pode pegar na minha viola.” Tinha muita cisma, eles tinham superstições. “- Ah, se alguém tocar na minha viola já não vou tocar legal, não vou fazer bem, não sei o quê.” Existia muito essas coisas. Hoje não, essas coisas quebrou, hoje você está na festa: “Rapaz, não trouxe viola não.” “- Ah, pega a minha.” Você já pega a viola do outro e toca, entendeu? Chegou num show: “Minha viola deu problema, me empresta a sua.” Você já pega a viola e toca. Enfim... Está muito mais aberto isso, está muito legal, virou realmente um círculo de amizade mesmo, virou uma família os violeiros. Hoje a gente se aprende, os próprios violeiros: “Vanderley, como é essa introdução dessa música?” No camarim mesmo, do show, ele te ensina a introdução. Zé Mulato, Cassiano: “Como é isso aí, Cassiano como é esse baixo, como você fez esse negócio? Aquela voz, como que é?” O cara já ensina ali na hora. Você tem hoje a tecnologia, já pega o celular: “Como é Cassiano?” Aí ele canta, você já grava, entendeu? “- Ah, Zé, como é o arranjo daquela música lá, “Meu céu”, sei lá, “Disco voador”, como é isso?” Então tudo você: “Ah como é, me ensina aí essa moda, tal.” O cara já toca na hora, já te ensina, já mostra. Então isso está só fazendo crescer mesmo, sabe? A gente sabendo usar essa tecnologia vai ganhando com isso. Mas está perfeito! *[Dedilha a viola]* Graças a Deus *[Dedilha a viola]* E um cara que eu gosto demais é o Almir Sater. Na minha carreira eu escolhi fazer uma fusão entre Tião Carreiro e Almir Sater. Hoje me inspiro muito em Zé Mulato e Cassiano. Pra mim Zé Mulato e Cassiano é uma dupla das melhores que nós temos no cenário caipira. Como compositores, como instrumentistas então, quem conhece de teoria musical sabe o que eles fazem ali. Os caras são fera, conhecem mesmo, sabem o que estão fazendo, pra mim são dos melhores. Mas eu curto muito a pegada, o jeito do Almir Sater tocar, o estilo dele, as letras, toda a história ali que ele tem. O estilo de pessoa que ele tem também, a pessoa que ele é. Ninguém fala mal do Almir Sater, quem tem alguma história ruim pra contar do Almir Sater? Ninguém. E quantos anos de história, de sucesso, um dos caras, hoje, de maior referência pro Brasil na viola, ainda é o Almir Sater, entendeu? Surgiram grandes aí, mas o Almir Sater é o cara respeitado mesmo, pela sua versatilidade, porque ele vai do Tião Carreiro a um blues, a um jazz, um trem qualquer que ele quer tocar. Gosto muito “Tocando em frente”, é uma música que eu gosto muito, acho que tem uma letra muito forte.

[Toca na viola caipira e canta a música “Tocando em frente”, autoria de Almir Sater e Renato Teixeira:]

Ando devagar porque já tive pressa

E levo esse sorriso porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe

Só levo a certeza de que muito pouco eu sei

Ou nada sei

Conhecer as manhas e as manhãs

O sabor das massas e das maçãs

É preciso amor pra poder pulsar

É preciso paz pra poder sorrir

É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida seja simplesmente

Compreender a marcha e ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro levando a boiada

Eu vou tocando os dias pela longa estrada, eu vou

Estrada eu sou

Conhecer as manhas e as manhãs

O sabor das massas e das maçãs

É preciso amor pra poder pulsar

É preciso paz pra poder sorrir

É preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia, todo mundo chora

Um dia a gente chega, outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua história

e cada ser em si carrega o dom de ser capaz

de ser feliz

conhecer as manhas e as manhãs

o sabor das massas e das maçãs

é preciso amor pra poder pulsar

é preciso paz pra poder sorrir

é preciso a chuva para florir

ando devagar porque já tive pressa

e levo esse sorriso porque já chorei demais

cada um de nós compõe a sua história

cada ser em si carrega o dom de ser capaz

de ser feliz

Wellington: É isso aí! *[Risos]* Linda demais essa moda! Almir Sater, Renato Teixeira.

Domingos: Tem mais umas perguntinhas pra gente encaminhar, estamos quase com duas horas eu acho! *[Risos]* E entraria a tarde toda conversando!

Wellington: A honra é minha! *[Risos]*

Domingos: Bom demais cara! O que é pra você memória?

Wellington: Memória. A memória é tudo, pra falar a verdade. Porque está tudo na memória, não é? Por exemplo, você vai compor uma música, vem da memória, muita coisa vem do que está na memória, não é? Você quer tocar uma música, ou uma coisa que vai falar no seu íntimo mesmo, é algo que está ligado à memória também. Então acho que isso é das coisas primordiais: a memória. Isso tem um efeito maravilhoso, é necessário você guardar essas coisas, ter esses arquivos. Tudo que a gente tem de arquivo, tanto mídia, ou memória da gente também, a nossa memória, aquilo que eu tenho na minha memória e o que você tem gravado, o que você tem arquivado. Eu acho que isso são elementos que vão manter de pé a nossa cultura, o nosso passado, aquilo que aconteceu. São registros que vão fazer toda uma diferença pra nossa humanidade. No amanhã e no futuro, sempre. Então acho que temos que trabalhar bem isso mesmo, sabe? Manter essa memória bem rica, ter tudo isso e quanto mais de acervo de tudo. Acho que isso é o amanhã. A memória, eu acho que ela acaba sendo o amanhã, entendeu?

Domingos: E o que é a vida?

Wellington: A vida? Acho que a vida é algo que tem que ser vivido com muito amor. Eu sempre falo pros alunos o seguinte: o músico, primeiro ele se faz feliz, não é? Quando eu toco, quando eu canto, primeiro é pra mim. Porque primeiro tem que ser, não adianta nada se eu estiver cantando e não estiver sentindo nada. Primeiro que eu não vou nem interpretar direito. Então acho que a vida é isso, você tem que fazer o que você faz com amor. Eu acho que o sentido da vida é isso. Não é só dinheiro, muita gente acha que a vida é ter dinheiro, é ser rico, é Rolex, é Ferrari. Não, isso aí, tem gente que tem isso e não é feliz. Tem gente que não tem nem uma viola. É feliz. É feliz de chegar perto de um violero e ouvir

o violeiro. Ele já é feliz, entendeu? E quantas pessoas choram quando você começa a tocar, começa a cantar, elas se emocionam, choram e tal. Então a vida eu acho que é algo muito simples. Pra você ter uma vida boa você tem que ser, primeiro, um cara correto, tem que ter dignidade. Você tem que ser uma pessoa respeitosa. Caráter. Acho que a vida começa por aí, depois começa a aparecer as outras coisas. A gente ensina também pros nossos alunos o seguinte: não é porque eu toco uma viola que eu sou melhor do que aquele que não toca, entendeu? Pelo contrário. Eu aprendi a tocar pra servir à comunidade, pra servir às pessoas. A gente tem que ter uma visão diferente da vida, tem que ter essa visão, na verdade, que a vida quanto mais simples melhor. Quanto mais simples, com amor, dedicação, amor ao próximo. Tem alguns projetos aí pra agora, no próximo ano a gente levar mais alegria pras pessoas que precisam também através da viola, através da música. Hospitais, casas de apoio, asilo, lar dos velhinhos e tudo, a gente quer, é o nosso projeto agora pro futuro, pra gente começar a colocar esses alunos que estão bem pra fazer isso também, entendeu? Então a vida é isso e a gente tem que cuidar do próximo, amar o nosso próximo. Hoje estou aqui, amanhã não sei se estarei mais aqui. Pra que ilusão, pra que vaidade, pra que toda essa metidez, essa coisa toda? Tem artista que é intocável. Você não pode conversar com a pessoa, você não pode chegar perto da pessoa. Não, está lá no camarim, não pode receber ninguém. Pra que isso, cara? Vai levar aonde? Entendeu? Pode ter um câncer igual qualquer pessoa pode ter. Hoje estou bem e amanhã? Eu não sei o que vou ter amanhã, entendeu? Quantas doenças existem, quantos jeitos de você morrer que existem... A gente é muito frágil, cara, a gente é muito simples, mas tem gente que se acha muito. Mas somos nada não, somos nada não. Então acho que o músico tem que ser mais simples ainda do que as outras pessoas. Porque, como diz o Zé Mulato, ele é um portador da alegria, não é? Como que eu vou levar alegria pra alguém com arrogância, com prepotência dentro de mim, com vaidade? Não, não é assim. Acho que a vida é isso, é simplicidade, é amor ao próximo, amor àquilo que a gente faz. Muita gente pergunta pra mim: "Wellington, você é novo, cara." Eu tenho 36 anos. "Você tem 36 anos. Você tem uma escola que já é referência em Brasília. Você tem os melhores professores ali na sua escola, de viola, principalmente de viola, sanfona." Graças a Deus, a gente é bem reconhecido já em Brasília. E o que é o segredo disso? É o amor, entendeu? É o amor. Porque um dia eu peguei minha violinha lá na minha cidade, falei: eu vou pra Brasília e vou viver de música. Eu tinha três desejos: viver de música, morar numa cidade grande e estudar numa escola boa de música. Eu consegui, Deus me deu esse presente! Eu estudei na Escola de Música de Brasília, na época, em 2002, era uma das melhores da América Latina. Estou morando na capital do país. E tenho a minha escola de música. Os três desejos que sempre pedi Deus me deu, entendeu? Agora eu vou ter vaidade? Vou ter arrogância, prepotência? Entendeu? Não. De jeito nenhum. Acho que não podemos, de jeito nenhum, ter essas coisas, entendeu? Prepotência, arrogância e tal. Igual eu mencionei, quantos me ajudaram? Agora vou fazer o quê? Eu vou me achar? Não. Não posso me achar, eu nunca posso me achar. Se algum dia eu me tornar um grande violeiro, um cara muito famoso, no mundo todo, tal, eu não posso humilhar ninguém. Não posso achar que sou mais do que ninguém, porque um dia eu comprei uma viola de sessenta

reais e eu dividi em dez vezes [para pagar], então eu tenho que lembrar disso. E outra, não é porque é rico que tem tudo não, amanhã pode estar pobre, porque a gente não sabe. Essa vida tem mistérios aí que ninguém compreende. Ninguém compreende. Eu vejo muito, a gente anda aí em lugares altos, tive oportunidade de tocar o Hino Nacional na Câmara dos Deputados ano passado, a convite do Luiz Rocha, meu grande amigo, apresentador do Brasil Caipira, um abraço pro Luiz Rocha também. Convite também do Deputado Zé Silva, de Minas Gerais, abraço aí pro Zé Silva e sua equipe. Fui convidado pra tocar o Hino Nacional lá na Câmara dos Deputados. De repente, você está num lugar que é um cenário importante demais pro nosso país, acontece ali muita coisa boa, mas infelizmente, também, muita coisa ruim acontece ali, a gente sabe disso. Mas querendo ou não é uma casa importantíssima, um lugar de alto nível, de altura, tanto que pra você entrar, pra você participar existe todo um protocolo, você tem que seguir toda uma rotina ali, tal. Então eu tive a honra de participar lá tocando o Hino Nacional, isso foi muito bom. Depois fui convidado também pra participar de uma sessão solene no Senado, o senador Izalci [Lucas]. Então a gente anda por esses lugares aí e você vê pessoas de alto escalão também, de níveis elevadíssimos, mas que ainda mantêm a humildade. Senadores simples, tem. Deputados simples, tem. Entendeu? Então tem pessoas simples, tem pessoas humildes e que ficam conhecidas, viram pessoas populares, famosas e não perdem essa essência. É fundamental você ter isso, você ter essa simplicidade, manter essa simplicidade sempre. Eu acho que isso é a vida, isso é viver bem a vida. E compartilhar, se posso ajudar o meu próximo, creio que Deus não deu só pra mim, entendeu? É pra dividir também. Acho que o segredo da vida é você dividir, você ajudar, você contribuir com o próximo. Amar o próximo como a ti mesmo.

Domingos: E qual mensagem você deixaria pros violeiros iniciantes, pessoas que estão começando essa jornada?

Wellington: Ó moçada, vamos firmar mesmo o gorpe aí, como diz o padre Periquito. Firma o gorpe! Não desanima, porque não é fácil você tocar, você tocar bem. Sempre falo assim, uma coisa é tocar, outra coisa é tocar bem. O nervosismo, a ansiedade, isso aí todo mundo tem. Aquele *stress*, quando você está estudando, querendo tirar uma música. Estava vendo uma reportagem esses dias, de um rapaz que toca numa orquestra, falando: “Ah, foi muita dedicação pra chegar até aqui. Nossa, várias vezes eu pensei em quebrar meu instrumento.” Isso é normal, isso é real, acontece mesmo. Às vezes você está tocando, principalmente quando você fica uma hora tocando, duas horas tocando, você vai entrando num nível de *stress*, às vezes você está repetindo aquela frase ali vinte vezes, trinta vezes, você não consegue acertar aquela nota, não consegue aquele som. Aí o que você faz? Você para, deixa o instrumento no pedestal, vai tomar uma aguinha, toma um café, dá uma relaxadinha, para um pouco. Porque seu cérebro vai continuar trabalhando. Então assim, paciência, tranquilidade. Existe um ditado muito legal no meio caipira: é o tempo que cura o queijo. Não é? Daqui a pouco, de certo vão inventar uma máquina que já coalha o leite, já prensa e já cura na hora. Devem inventar essa máquina daqui a pouco, estão inventando tudo. Mas até então é o tempo que vai curar o queijo, não tem jeito. Então o que vai fazer a

gente tocar bem e ter essa tranquilidade é o tempo. Então assim: leva tempo. Uma coisa interessante é você nunca se comparar a um violeiro famoso. Um erro que, às vezes, a gente faz quando está começando, entendeu? Estou começando a tocar, quero me comparar com Almir Sater. Eu quero tocar igual o Almir Sater, quero compor igual o Amir Sater, quero me apresentar igual ele. Não existe isso, moço. Quantos anos o Almir Sater tem de experiência? Ah, mas eu quero escrever igual o Zé Mulato escreve. Não, quantos anos o Zé Mulato escreve? Ah, eu quero tocar igual o Marcus Biancardini, daquele jeito, instrumental daquele jeito. Há quantos anos o Marcus Biancardini vem estudando, fazendo esse trabalho? Então se coloque no seu lugar, você é um iniciante, você é um aluno, você está começando, entendeu? Geralmente as pessoas fazem muita pressão. Você passa seis meses pra aprender uma música e tocar ela bem. Aí quando você chega na frente da pessoa e você apresenta aquela música, a pessoa fala assim: “Mas, só isso?” Entendeu? São coisas que o músico tem que aprender a lidar. É desse jeito mesmo. Aí você é caipira, você toca viola caipira, toca só os modão Tião Carreiro e tal, você chega num churrasco, começa a tocar Tião Carreiro, o cara vem e fala: “Ei, se você for bom mesmo você vai levar um Dilermando Reis.” Entendeu? É coisa que você não fala para um músico, mas existem pessoas desse jeito, desse nível, parece que vem pra magoar a gente, entendeu? São coisas que a gente tem que saber o seguinte, é um caminho muito bonito, uma profissão maravilhosa, abençoada, escolhida por Deus, eu creio, um dom dado por Deus. Mas é cheio de espinho nesse caminho... Tem desafio de todo jeito, os que são casados enfrentam um problema muito sério, que noventa por cento das mulheres não são companheiras. Ouvi ontem um senhor, começou fazendo aula comigo, tem sessenta e quatro anos, ele estava na terceira aula dele, chegou chateado, já um pouco chateado na escola e falou pra mim: “Estou triste, professor.” Falei: “O que foi?” “- Ah, ontem eu estava estudando, rapaz, lá em casa, tocando a minha viola...” E a mulher pegou, falou pra ele: “Não, guarda essa viola, você está fazendo barulho demais, está incomodando já.” Entendeu? Com três, quatro aulas ele já está incomodando a esposa? Que esposa parceira é essa? Então, você que é esposa de músico, entenda, é o chamado dele, entendeu? É o dom que Deus deu pra ele. Se ele começou a tocar na cozinha, deixa tocar na cozinha, às vezes está chegando uma inspiração ali, entendeu? Às vezes ele está cantando um trem, cantarolando, pensando numa coisa, não atrapalha não, não faz barulho, não liga a televisão alta, ele está no momento dele. Respeita, deixa o cara compor, deixa o cara escrever. Porque a composição não tem hora que vem. Você está aqui, opa, é agora, começou. Aí veio uma melodia, você quer escrever. Então assim, seja companheira também, sabe, do seu parceiro ou da sua parceira que trabalha com música, que faz música. E ajuda aí, entendeu? *[Risos]* Ajuda aí! Ajuda a pessoa a ser feliz! Porque o músico quer ser feliz e quer fazer as pessoas felizes. Essa é a verdade. Mas não desista, continua sempre estudando, procura um bom professor se você quer aprender a tocar o seu instrumento. Viola ou violão, sanfona, violino, qualquer, procura um bom professor. O professor bom é aquele que quer ver você tocando. Entendeu? Porque tem professor que fica segurando o aluno, fica travando, ele quer a sua mensalidade, ele não quer ver você tocando não, ele quer a sua mensalidade. Então cuidado com isso. Hoje, com todo acesso que a gente tem a

internet, celular e tudo, não tem por que você ficar quatro aulas tocando a mesma introdução. “Menino da porteira” você vai pegar na primeira aula. Se o cara não te ensinou “Menino da porteira” na primeira aula você pode procurar outro professor que ele já está te enrolando, essa é a verdade. É assim. Não é? Está começando a fazer aula, como você sabe se seu professor é bom? Você tem que aprender. Dificuldade as pessoas têm, tem níveis de dificuldade. Tem gente que é muito rápido, tem gente que já é um pouco mais lento, tem gente que tem muita dificuldade. Mas você tem que perceber se o seu professor está mesmo empenhado em te ensinar ou não, se ele está te segurando, entendeu? Pegue o seu celular, filme a aula que você fez, introdução: “Toca de novo professor” Filma: “Toca bem devagarzinho professor, que eu vou filmar, como é aquele acorde?” Tira uma foto ou filma também o acorde, o desenho aqui. Hoje a gente tem essas ferramentas, mas paciência e perseverança. São os dois pilares pra música: paciência e perseverança.

Domingos: Maravilha, uma última pergunta, se você fosse uma música qual seria?

Wellington: Se eu fosse uma música? Essa pergunta é boa, hein! Eu seria “Tocando em frente.” Eu gostaria de ser essa melodia aí, essa letra. Gostaria de ser essa letra, eu acho que fala muito mesmo. É o segredo pra tudo na vida, tocando em frente. Tocando em frente porque, às vezes, a pessoa quer abrir uma empresa e no terceiro mês ela quer já faturar dez mil reais. Como? Você ainda está montando sua equipe, depende muito disso, do tanto que você vai investir na sua empresa. Quantos milhões você vai por ali, aí você consegue ter isso, mas vamos com calma. Vai abrir uma empresa? Vai com calma. Vai tocar um instrumento? Vá com calma. Está aprendendo a dirigir? Vai com calma, não saia doido na rua aí não. Então tudo na vida é assim, tocando em frente, é devagar. Conhecendo as manhas, porque tudo tem as manhas, tudo tem, o toque de viola tem as suas manhas. Então vá devagar. Vai tranquilo e vamos seguindo a vida em paz, em harmonia, vivendo o nosso lado como pessoa. Porque a gente também não pode ser músico cem por cento, a gente tem que ser pessoa, é esposo, é filho, é pai, é genro, é sogro. A gente é tudo isso. Então vamos tocando em frente!

Domingos: Sensacional Wellington, se eu pudesse eu passava sua entrevista na íntegra lá no Cine Brasília! Muito obrigado!

Wellington: Ô! *[Risos]* Espero que eu tenha superado o que vocês estão esperando aí!

Domingos: Linda sua história!

Sara: Demais!

Wellington: Foi bom!
